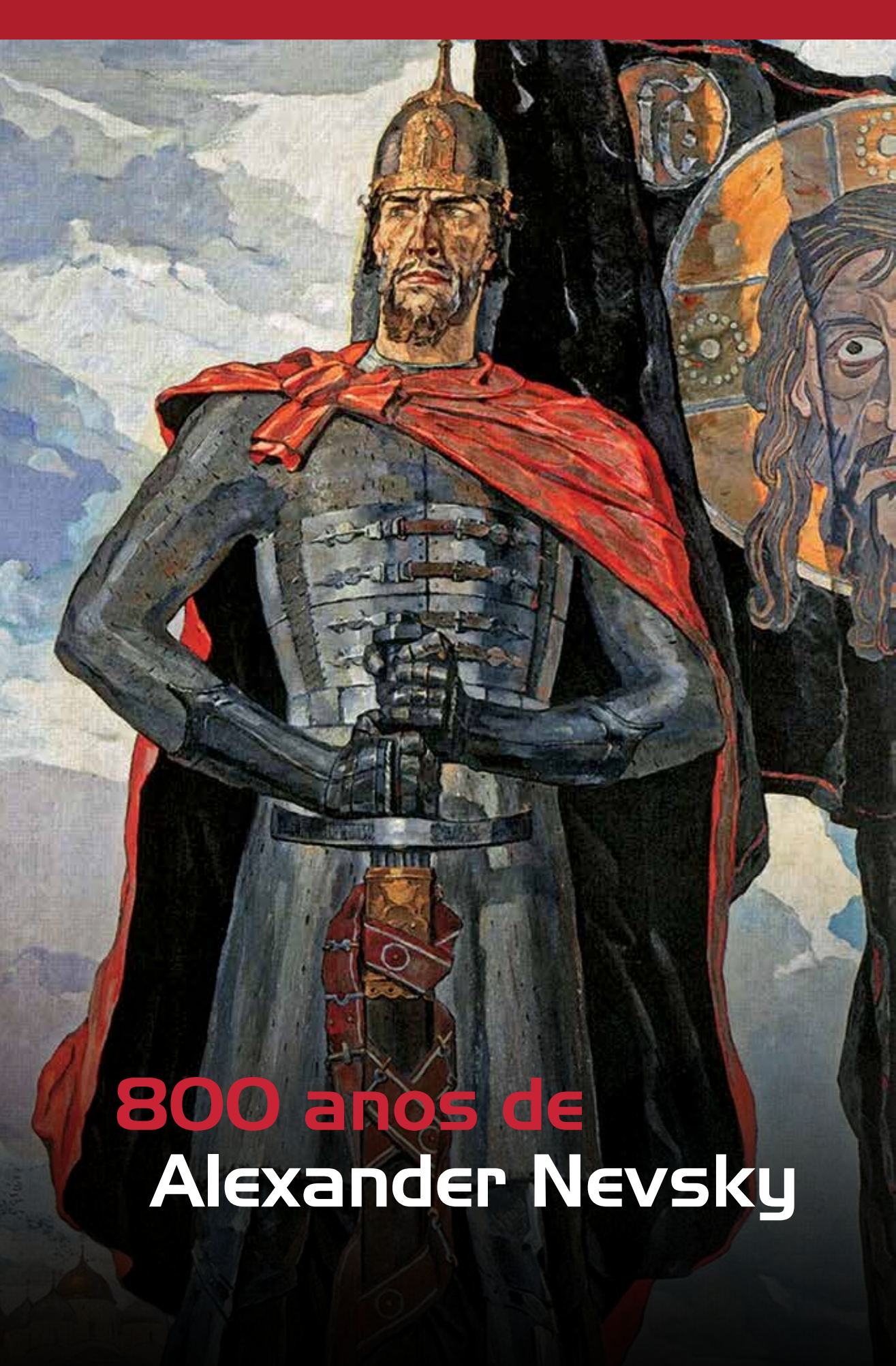


RÚSSIA HOJE

Publicação da Embaixada
da Rússia no Brasil

#2



800 anos de
Alexander Nevsky



Monumento em homenagem
a Aleksandr Nevskiy
(foto de G. I. Zubova)







Moedas Comemorativas
ao 800º aniversário de
Alexandre Nevsky

Mensagem do Embaixador Alexey Labetskiy

O caminho secular da formação do Estado russo não pode ser imaginado sem personalidades icônicas que mostraram suas qualidades excepcionais durante os tempos de incerteza, dificuldades e desolação, quando o futuro da Rússia e da independência do seu povo estiveram ameaçados.

Em 2021, celebramos o 800º aniversário do nascimento do Príncipe Alexander Yaroslavich Nevsky, um notável político e diplomata. Dando continuidade à política de seu pai, Yaroslav Vsevolodovich, o Príncipe Alexandre se esforçou para evitar o agravamento de contradições destrutivas entre os governantes de vários principados da fragmentada terra russa daqueles tempos, quando o destino do povo dependia da capacidade de resistir aos ataques do Ocidente e do Oriente, à pressão dos cruzados, dos nômades e mongóis.

O príncipe Alexander Yaroslavich teve que agir com palavra e espada: enquanto reinava em Novgorod, ele conseguiu reconciliação temporária entre as famílias rivais de boiardos influentes, graças a qual Novgorod resistiu, repelindo consistentemente a invasão dos cavaleiros da Suécia e da Livônia. O príncipe alcançou uma série de vitórias significativas, impedindo vários principados russos de passarem sob o domínio dos inimigos. Entristecido com a escala de destruição que a invasão mongol de 1237-1241 causou à Rússia, o príncipe seguiu o caminho do seu irmão Andrei até Karakorum, a capital do Império Mongol. O príncipe lembrava de que o seu pai, Yaroslav Vsevolodovich, foi morto pelos mongóis durante uma das visitas dele, mas entendia que não tinha outra maneira de salvar a Rússia e de protegê-la de uma nova catástrofe. É difícil sobrestimar a importância dos esforços diplomáticos do príncipe Alexander Yaroslavich, mas ele, pessoalmente, pagou um preço elevadíssimo por manter a paz com os mongóis.

Famosos pesquisadores russos do século XIX concordaram amplamente nas suas avaliações das atividades do Príncipe Alexander Yaroslavich, enfatizando sua excepcional importância política e geoestratégica, porém, na minha opinião, também é necessário levar em consideração o seu papel na formação da identidade nacional russa. A luta resoluta por cada palmo da terra natal, a prioridade dos interesses coletivos de todo o povo russo



"Transferência das relíquias de Santo Alexandre Nevsky de Pedro o Grande para São Petersburgo". Esquerda: Pedro, o Grande; direita: Menshikov, Apraksin e Yaguzhinsky. Desenho de Adamov a partir do afresco do Professor Basin; gravado por K. Weyermann. (1870)

sobre as aspirações individuais de alguns príncipes, a limitação do impacto cultural e político das potências ocidentais e do Império Mongol em nome da preservação das suas próprias tradições - esses temas centrais que determinaram a formação do Estado russo, ganharam destaque especial nos anos difíceis do reinado do príncipe Alexandre Yaroslavich.

Demorou muito para que os temas descritos acima se tornassem os princípios essenciais inerentes à identidade russa. Ecoaram amplamente durante o reinado de Ivan IV, na época do assim chamado "Tempo de Dificuldades" (os anos de interregno entre 1598 e 1613), nos anos do governo do primeiro imperador da Rússia Pedro I, no decorrer da Guerra Patriótica de 1812 na Rússia contra Napoleão, bem como da Grande Guerra Patriótica de 1941-1945, que terminou em derrota do nazismo.

A literatura russa na sua grandeza desenvolveu-se absorvendo as idéias de identidade e, ao mesmo tempo, da comunhão de valores humanos compartilhados pelo Ocidente e Oriente.

Nikolai Semenovitch Leskov, cujo 190º aniversário comemoramos neste ano, abordou a importância da preservação da identidade nacional nas suas obras. No seu conto "O canhoto", Leskov ressalta ao leitor que as principais riquezas da terra russa não se escondem no subsolo, e sim, no seu povo, que possui muitos talentos. A criação das condições propícias ao desenvolvimento

desses talentos é uma das tarefas-chave do estado russo em qualquer momento da sua história.

Através do personagem Ivan Flyagin do conto "O peregrino encantado" o escritor fala de conceitos tão fundamentais para todos os russos como a prioridade da justiça sobre a norma estabelecida, como o amor por sua terra natal que vence tudo, que permite sobreviver quaisquer dificuldades e provações (evidencia-se claramente esse traço nos que moram "numa terra estrangeira"), como autoidentificação com a Pátria, com um estado grande e forte, com um líder (espiritual e político) sólido e compreensivo que defende o povo russo.

Outro grande escritor russo, Fiodor Mikhailovich Dostoiévski, também focou nas idéias da justiça, da consciência, da pátria-mãe e da convivência pacífica dos povos. Nas suas maiores obras, especialmente em "Os demônios" e "O adolescente", Dostoiévski analisa como se refletem nas pessoas os conceitos acima mencionados, o escritor explora as facetas mais sombrias e mais expressivas do caráter russo nas condições de desespero e crise pessoal que pode levar tanto a destruição e degradação da personalidade, quanto ao avanço para um novo nível. Na imagem dos irmãos Karamazov - Alexei, Ivan e Dmitry - retrata os caminhos diferentes que podem ser percorridos pela mesma pessoa em busca da verdade, do sentido da vida. Abnegação, evitação de conflitos e vontade de ajudar o próximo, que caracterizam Alexei Karamazov, permitem a Dostoiévski mostrar ao leitor um caminho único que lhe parece verdadeiro.

Para escritor, a união das pessoas cria oportunidade de superar crises sócio-políticas, enfatizando ele o papel especial da Rússia neste processo. Do ponto de vista de Dostoiévski, a Rússia, que incorporou os ideais da comunhão espiritual e intelectual das pessoas possuidoras de uma compreensão profunda e abrangente da realidade e do destino do mundo, é capaz de sobreviver qualquer crise, de renascer adquirindo uma nova aparência.

As obras dos escritores proeminentes do século XIX não apenas formaram o conjunto de ideias que foi desenvolvido pela tradição filosófica russa do século XX, mas também contribuíram para a formulação da "ideia russa", um dos pontos-chave da qual é preservar e aumentar o patrimônio cultural, espiritual e material da Rússia.

Nas páginas desta revista, reunimos os ensaios de pesquisadores modernos dedicados à vida e obra dos escritores russos proeminentes, sem os quais seria extremamente difícil alcançar a compreensão da Rússia e de muitas etnias hoje unidos numa família.



Entrada de St Aleksandr Nevsky
em Pskov após a Batalha no Gelo
(arte de Valentin Serov)







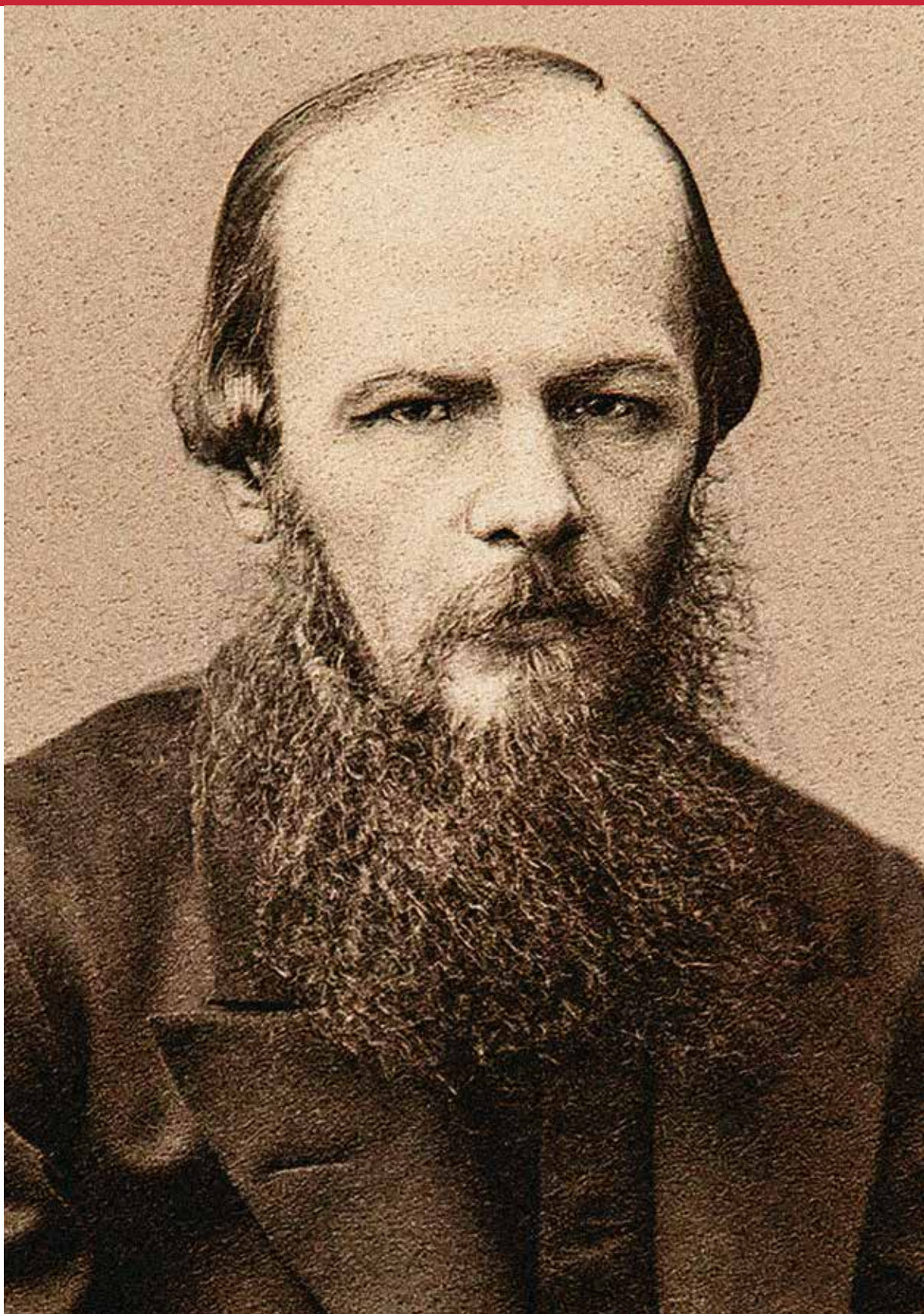
Cinco características de **Dostoiévski** que tornam seus livros tão incríveis!

Por Valéria Paikova, Russia Beyond

[<https://br.rbth.com/cultura/85540-5-caracteristicas-de-dostoiievski>]

Grande pensador, cristão fiel, intrépido explorador dos cantos mais sombrios da mente humana, o homem que concebeu o thriller psicológico mais famoso do mundo ("Crime e Castigo")... Cento e quarenta anos após sua morte, Fiódor Dostoiévski ainda é fonte de grande orgulho nacional na Rússia e atrai amantes da literatura por todo o mundo.

"Dostoiévski é um cavaleiro no deserto com uma aljava de flechas. O sangue escorre onde sua flecha acerta. Dostoiévski vive em nós. Sua música nunca morrerá", escreveu, em 1912, Vassíli Rôzanov, um dos filósofos da religião russos mais influentes do século 20. Eis cinco principais traços da personalidade de Fiódor Dostoiévski que o tornaram tão importante:



Fiódor Dostoiévski



O Idiota, filme dirigido por Ivan Pyrev, em 1958, com Yuriy Yakovlev, Yulya Borisova e Nikita Podgorny no elenco principal

Psicólogo

Dostoiévski (1821-1881) explorou a psiquê humana com enorme profundidade. Seus são permeados de personagens cheios de angústia e miséria.

O funcionamento da mente humana intrigou Dostoiévski ao longo de toda a sua vida. Cada uma de suas obras-primas, entre elas “Os irmãos Karamázov”, “Crime e castigo”, “O idiota”, “Os Demônios” e “O jogador”, é quase um curso introdutório à psicologia.

Seus personagens, estão emocionalmente acabados. Eles sofrem de culpa (Rodion Raskólnikov) e ansiedade

(Dmítri Karamázov), ciúme (Parfion Rogojin) e ganância (Gavrila Ivolguin), baixa auto-estima (Príncipe Míchkin) e falta de amor (Sonia Marmeladova). Ainda assim, estão prontos para passar pelo inferno emocional em sua busca por liberdade moral e justiça.

“O que é inferno? Afirmando que é o sofrimento de já não poder amar”, escreveu Dostoiévski em “Os irmãos Karamázov”, seu último romance. O mais notável escritor russo usou as fraquezas de seus personagens para explicar a natureza metafísica do mundo.

“Se você quer conquistar o mundo inteiro, conquiste a si mesmo”, afirmou Dostoiévski em “Os Demônios”.

Profeta

Em ensaio escrito em 1906, o poeta e pensador russo Dmítri Merejkóvski saudou Dostoiévski como um “profeta da revolução russa”. Os romances de Dostoiévski têm diversas camadas de significado, por isso os leitores às vezes precisam se distanciar de suas obras para que as profecias se revelem.

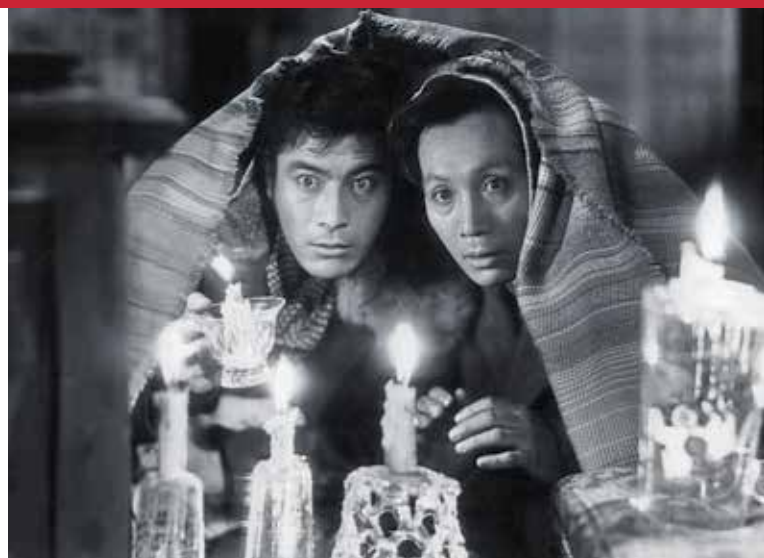
Embora Dostoiévski nunca tenha tomado a si próprio por profeta, ele conseguiu resumir os problemas cruciais de sua época e mapear a trajetória do povo e sua evolução.

“A habilidade dele é impressionante. Sem buscar a escala cósmica e as massas humanas de ‘Guerra e Paz’ [de Tolstói], Dostoiévski pega apenas uma quantidade minúscula do material de uma vida - a vida de várias pessoas em períodos de vários dias - e cria um livro de grande importância e poder”, concluiu o também escritor Aleksandr Soljenítsin após ler “Crime e Castigo”, em 1947. O personagem principal de “Crime e Castigo” é um participante de um novo movimento, o dos niilistas. Rodiôn Raskólnikov se permite derramar “sangue seguindo a consciência”. Mais tarde, um grupo de revolucionários russos responderia ao lema ultrajante de Raskólnikov, cometendo atos de terror “seguindo sua consciência”.

Dostoiévski penetrou nos códigos morais, costumes sociais e tradições culturais que permeiam gerações inteiras. Seu poema “O Grande Inquisidor” (incluído em “Os Irmãos Karamázov”) é uma antecipação de como um estado ideológico assume todos os direitos morais, privando as pessoas de liberdade e justiça. Esse sistema político foi implementado no século 20, tanto pela direita, como pela esquerda, com grande custo e em vários estados totalitários.

Em “Os Demônios” (um romance sobre a tentação diabólica de renovar o mundo, a possessão demoníaca pelas forças do mal e a destruição), Dostoiévski previu a disseminação do niilismo, do caos e do ódio. “Cada membro da sociedade verifica e denuncia o outro... Todos pertencem a todos e tudo a todos. Todos são escravos e iguais em sua escravidão. Em casos extremos, calúnia e assassinato e, o mais importante, igualdade”, previu Dostoiévski.

“Só o necessário é necessário - doravante esse é o lema de todo o mundo... Os escravos devem ter governantes. Obediência completa, impessoalidade completa”, escreveu em “Os Demônios”.



Toshiro Mifune como Denkich Akama (baseado em Rogózhin) e Masayuki Mori como Kinji Kameda, o idiota (baseado no Príncipe Myshkin), em *Hakuchi*, filme de 1951, dirigido por Akira Kurosawa



Der Spieler, filme alemão dirigido por Gerhard Lamprecht, em 1938, baseado no romance *O Jogador*

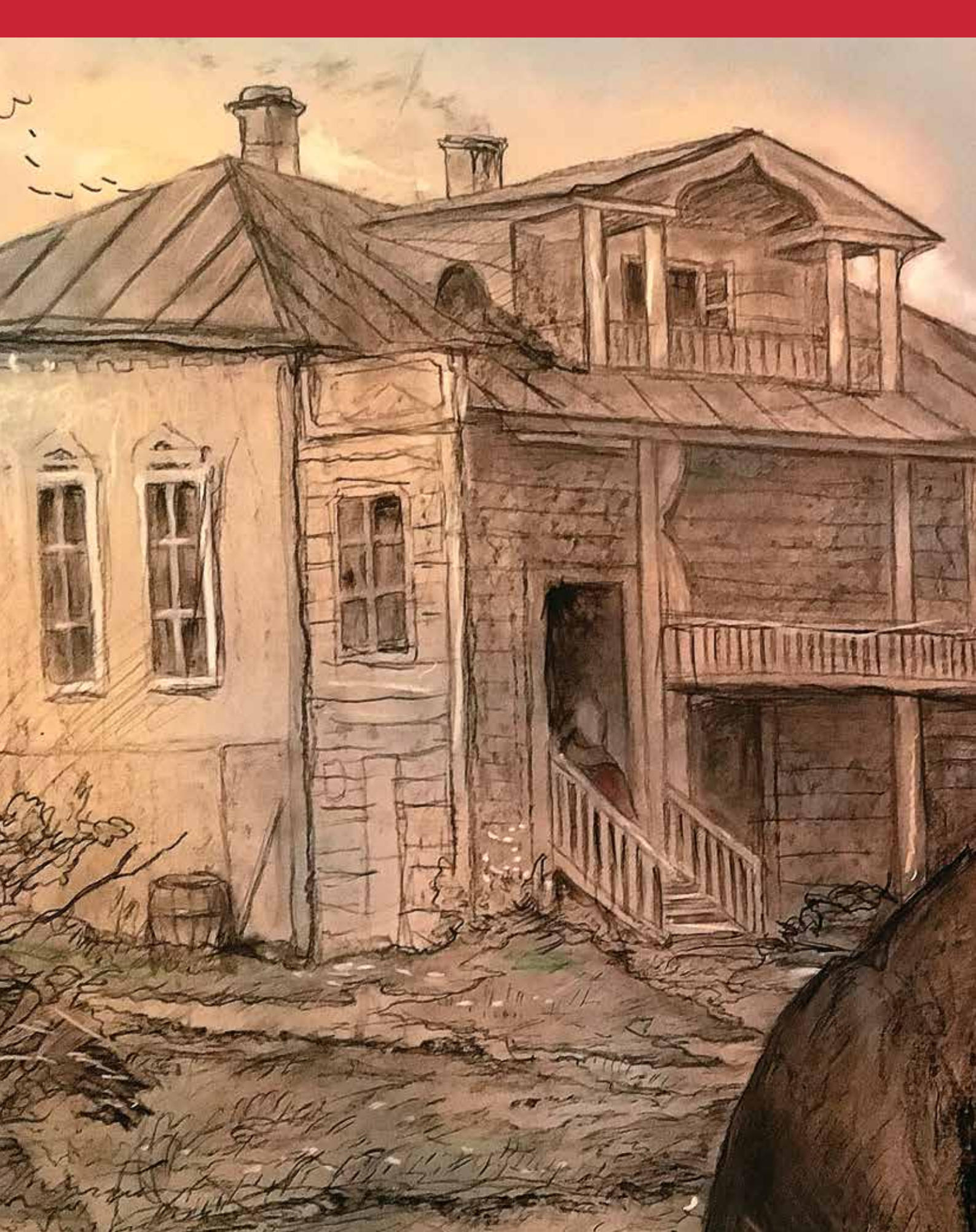
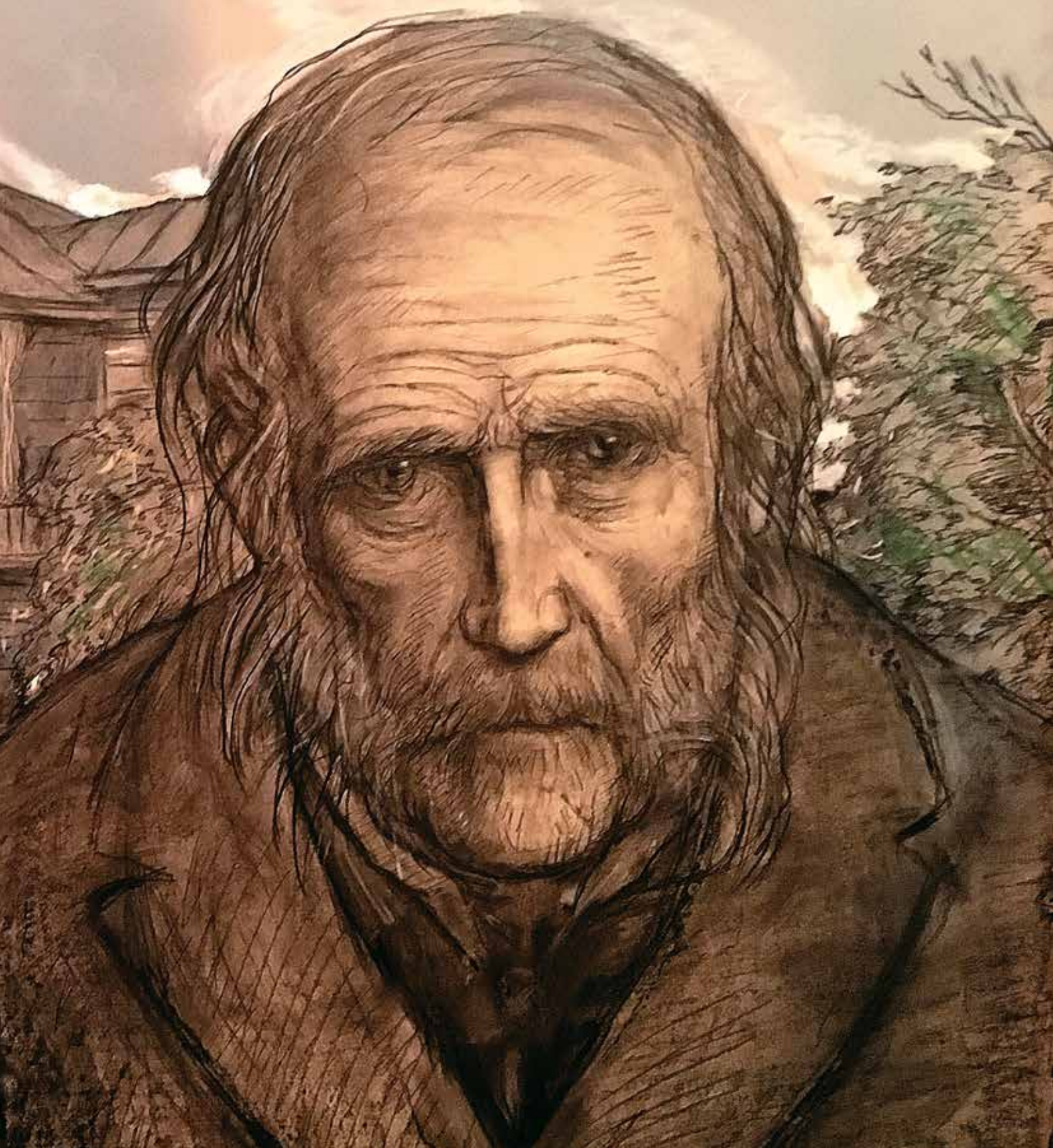


Ilustração de Grigory Vasilievich Kutuzov, o servo sofredor de Fiodor Karamazov, que se torna o pai adotivo dos irmãos Karamazov quando suas mães morrem, antes que seus parentes iniciem sua criação. (arte de Ilya Glazunov, 1982)







Cartaz do filme soviético *Irmãos Karamazov*, lançado em 1968. Inicialmente dirigido Ivan Pyriev, após a morte do diretor, a direção do filme passou a ser conduzida por M. Ulyanov e K. Lavrov.



Cena do filme *The Brothers Karamazov*, de 1958, estrelado por Yul Brynner e Maria Schell, e dirigido por Richard Brooks.



Tríptico de Ilya Glazunov. À esquerda, Grande Inquisidor (1985); ao centro, Calvário (1983); e à direita, Noite (1986)

“O entusiasmo da juventude de hoje é tão puro e brilhante como era em nosso tempo. Só aconteceu uma coisa: uma mudança de objetivos, a substituição de uma beleza por outra! Todo o mal-entendido reside apenas na questão de o que é mais bonito: Shakespeare ou um par de botas, Rafael ou petróleo?”

Influenciador

As palavras de Dostoiévski atingem o coração das pessoas ao longo dos séculos e ultrapassam as fronteiras culturais. Sua voz poderosa mesclava miséria e paixão, suicídio e amor, tragédia e sacrifício.

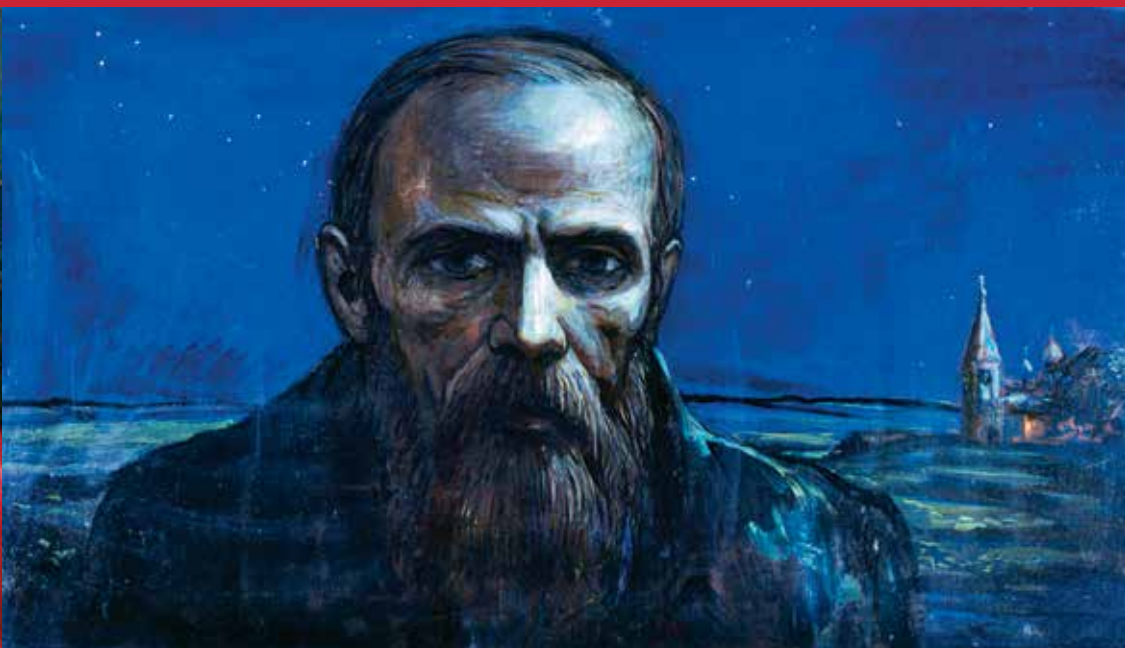
D.H. Lawrence, Virginia Woolf e William Faulkner ficaram maravilhados com a capacidade de Dostoiévski

de cativar, hipnotizar e ler mentes. De acordo com James Joyce, Dostoiévski “criou a prosa moderna e a intensificou até o nível atual”. Franz Kafka, fã de “Os Irmãos Karamázov”, chamou Dostoiévski de “parente de sangue”. Ernest Hemingway citou o autor como uma de suas principais influências: “Em Dostoiévski, havia coisas inacreditáveis e nas quais não se podia acreditar, mas algumas eram tão verdadeiras que mudavam a pessoa que a lia, à medida que ela o lia.”

Depois de ler “Memórias do Subsolo” e “Recordações da Casa dos Mortos”, Friedrich Nietzsche disse: “[Dostoiévski é o] único psicólogo com quem tenho algo a aprender”. O aclamado pensador e filósofo russo Lev Chestov chegou à conclusão de que Dostoiévski e Nietzsche compartilham uma peculiar mesmice de espírito e, portanto, os dois “podem, sem exagero, ser chamados de irmãos, e até de gêmeos”.

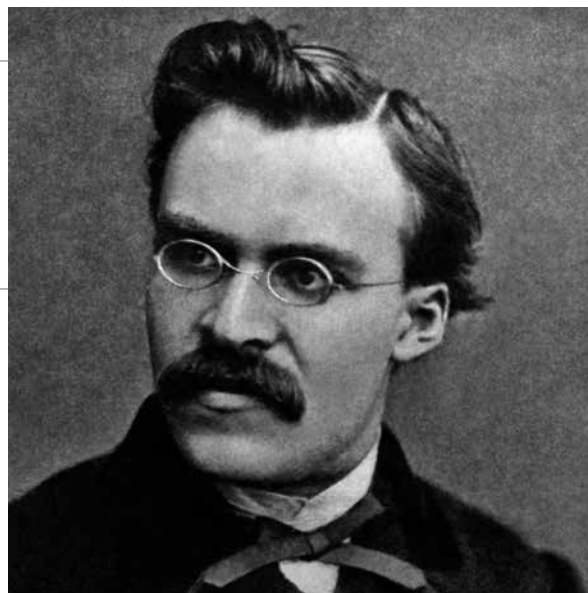


Escritores influenciados pela obra de Dostoiévski. Da esquerda para a direita: Virginia Woolf, James Joyce, William Faulkner, Franz Kafka e D.H. Lawrence.



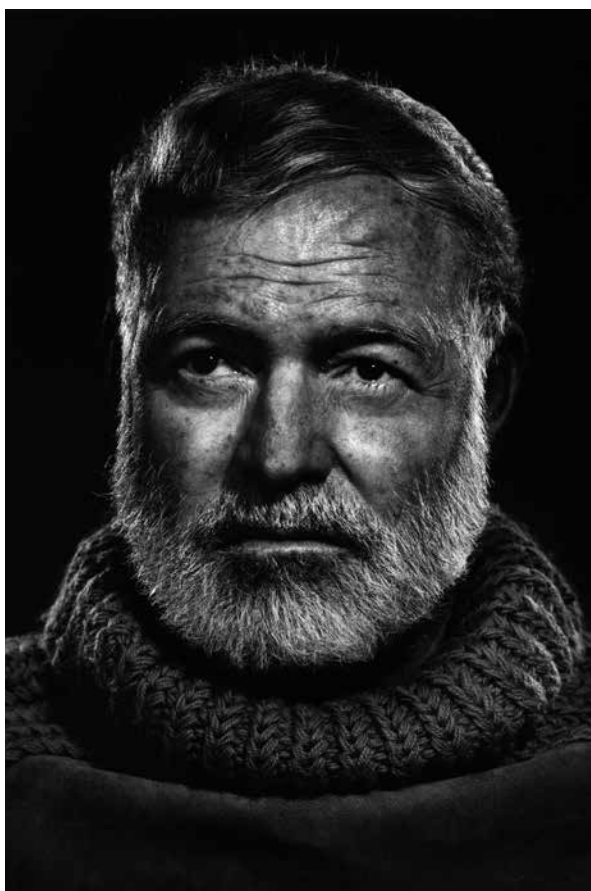
“[Dostoiévski é o] único psicólogo
com quem tenho algo a aprender.”

Friedrich Nietzsche



“Em Dostoiévski, havia coisas
inacreditáveis e nas quais não se podia
acreditar, mas algumas eram tão
verdadeiras que mudavam a pessoa
que a lia, à medida que ela o lia.”

Ernest Hemingway







Ilustrações de B. Nepomniachtchi para Recordações da Casa dos Mortos (2010)

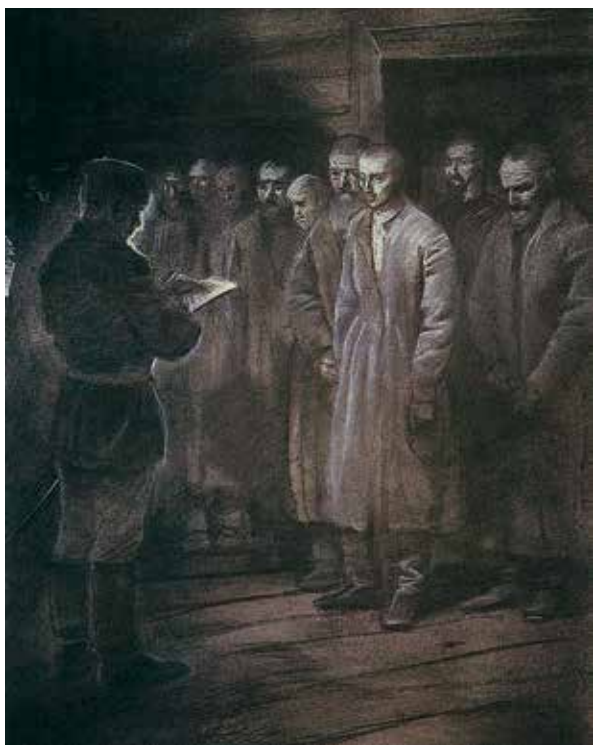
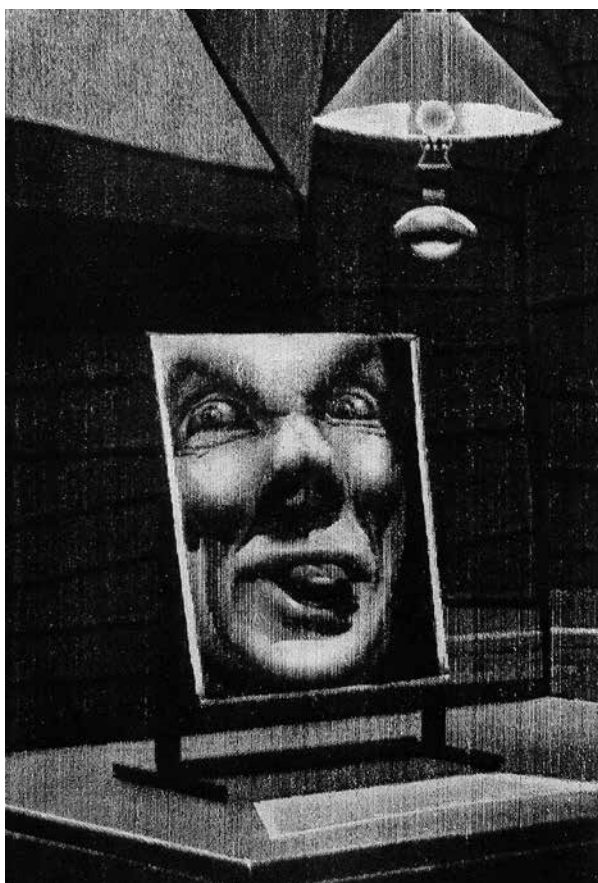


Ilustração de Ilya Glazunov para Recordações da Casa dos Mortos (1983)



Ilustrações de Georgy Kichigin para Recordações da Casa dos Mortos (2009)



Ilustrações de A. Alekseev (1967) para *Memórias do Subsolo*.



Dostoiévski, que lutava contra seus demônios interiores diariamente, foi condenado ao divã do psiquiatra e ninguém menos que Sigmund Freud analisou o russo em seu famoso ensaio “Dostoiévski e o Parricídio”, publicado em 1928 como introdução a uma coleção alemã de textos sobre “Os Irmãos Karamázov”. Freud não seria Freud se não tivesse se concentrado no complexo de Édipo de Dostoiévski e nas relações com seu pai, seus ataques epiléticos, opiniões religiosas e um vício de 10 anos no jogo.

Existencialista

Ecoando as ideias do pioneiro filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, que colocava a pessoa sozinha e solitária no centro de sua filosofia, Dostoiévski descobriu a verdadeira pessoa interior. “Os infortúnios deixam uma certa marca de orgulho na personagem, a menos que ela seja finalmente destruída por eles”, acreditava Kierkegaard. “O homem é infeliz porque não sabe que é feliz, só por

isso”, rebateu Dostoiévski. Dostoiévski e Kierkegaard nunca se encontraram e não se conheceram.

Em 1863, Dostoiévski escreveu o que parecia ser o primeiro romance existencialista, “Memórias do subsolo”, cujo narrador define o tom extremamente nervoso no parágrafo inicial: “Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável.” O principal pensador russo do século 20, Mikhaíl Bakhtín, chamou essa forma dostoevskiana de discurso de “palavra com uma brecha”.

É um mil-folhas literário: a confissão de um ex-oficial de São Petersburgo e uma história filosófica sobre a essência da vida humana; um conto trágico sobre a natureza de nossos desejos e um drama sobre a relação doentia entre razão e inação. O “homem do subsolo”, desprovido de nome ou sobrenome, discute com seus oponentes imaginários e reais e reflete sobre as razões das ações humanas, do progresso e da civilização. Paranoico, patológico, patético, pobre, é um solitário que tem medo de ser descoberto.



O Subsolo, peça teatral encenada por Celso Frateschi (2017). Foto de Christina Carvalho.

O núcleo ideológico de “Memórias do subsolo” é a disputa da personagem principal com as teorias científicas mais famosas de meados do século 19 e a ideia fundamental de Dostoiévski da necessidade da fé cristã e da abnegação.

A novela curta de Dostoiévski ganhou reconhecimento mundial apenas em meados do século 20: acabou sendo uma abertura ao existencialismo, enquanto seu homem do subsolo se tornou o padrinho literário de personagens de Sartre, Camus e outros autores europeus, bem como cineastas.

Cristão fiel

Dostoiévski era um homem de contrastes, cujas ideias estavam obviamente à frente de seu tempo. Ele era um homem profundamente religioso, um cristão ortodoxo, que invocava o nome de Deus em suas obras o tempo todo. O escritor descrevia Jesus como “o ideal do homem encarnado”, mas sua atitude para com a religião e a fé sofreu uma mudança notável.

Alguns historiadores afirmam que, na juventude, Dostoiévski se interessava mais pelas ideias socialistas do que pela religião, enquanto outros afirmam que ele

era fervorosamente religioso desde a infância. Uma coisa é certa: Dostoiévski mudou profundamente após sua experiência na prisão.

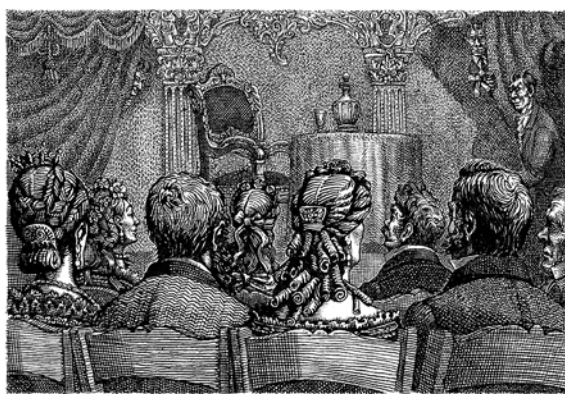
Em 1849, o escritor foi preso por envolvimento com o Círculo de Petrachévski, um grupo de intelectuais radicais de São Petersburgo que criticava o sistema sócio-político do Império Russo e discutia maneiras de mudá-lo. Em 1850, aos 28 anos, Dostoiévski (que na época já havia publicado dois romances, “Gente Pobre” e “O Duplo”) foi condenado à morte junto com 20 outros membros do movimento. Em uma estranha reviravolta do destino, a sentença foi comutada um minuto antes de o gatilho ser puxado. O cancelamento da pena foi um choque enorme, que ecoou em sua memória por toda a vida.

O escritor passou quatro anos realizando trabalhos forçados em uma prisão na Sibéria. Depois disso, foi enviado como soldado para o batalhão do 7º Corpo do Exército Siberiano. Essa experiência ajudou Dostoiévski a compreender o verdadeiro valor da vida humana.

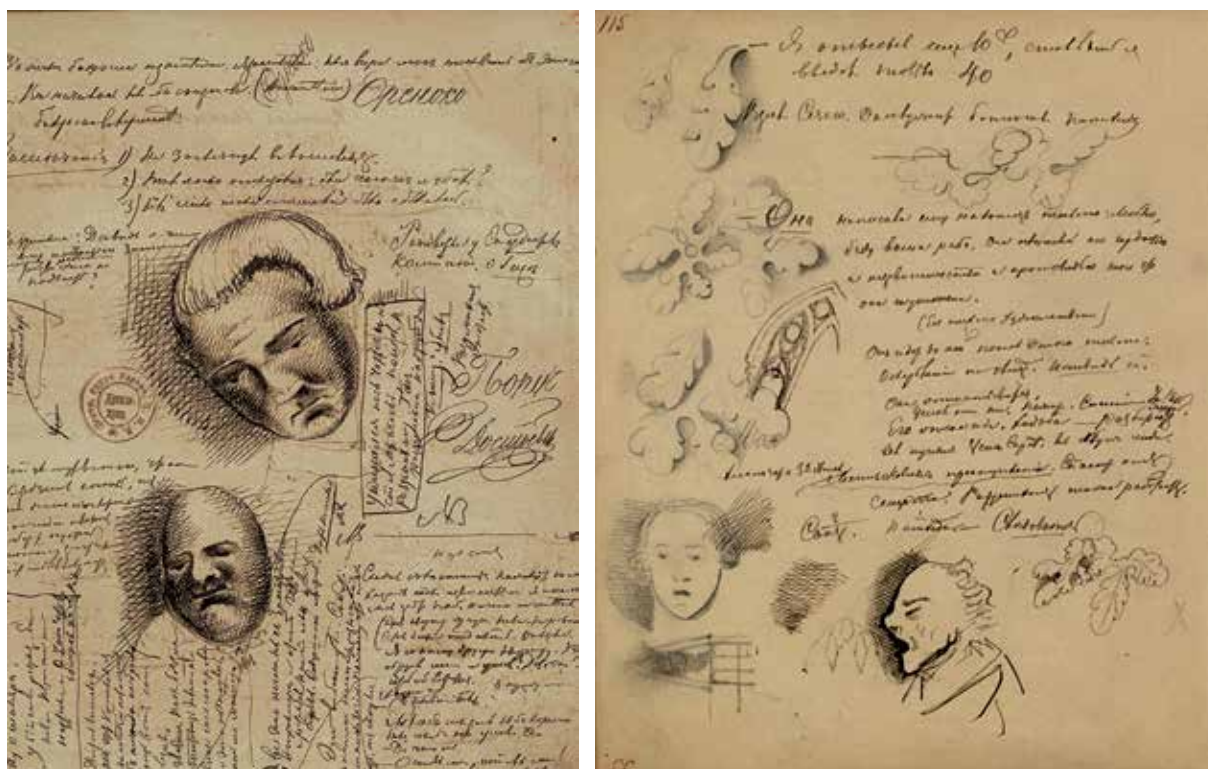
“A imortalidade da alma e Deus são a mesma ideia”, escreveu em uma de suas cartas, em 1878. “Já preciso de Deus porque este é o único ser que pode ser amado para sempre”, resumiu Dostoiévski ainda em “Os Demônios”.



Série de TV, *Os Demônios*, de 2014, com os atores Maxim Matveev como Nikolay Stavrogin e Anton Shagin como Pyotr Verkhovensky



Ilustrações para *Os Demônios*, por M. A. Gavrichkov (2013)



Fragmento original de Crime e Castigo, com desenhos do Dostoiévski. Alguns personagens eram esboçados pelo autor em seus manuscritos.



Encenação de Crime e Castigo, dirigida por Artem Terekhin (2019)





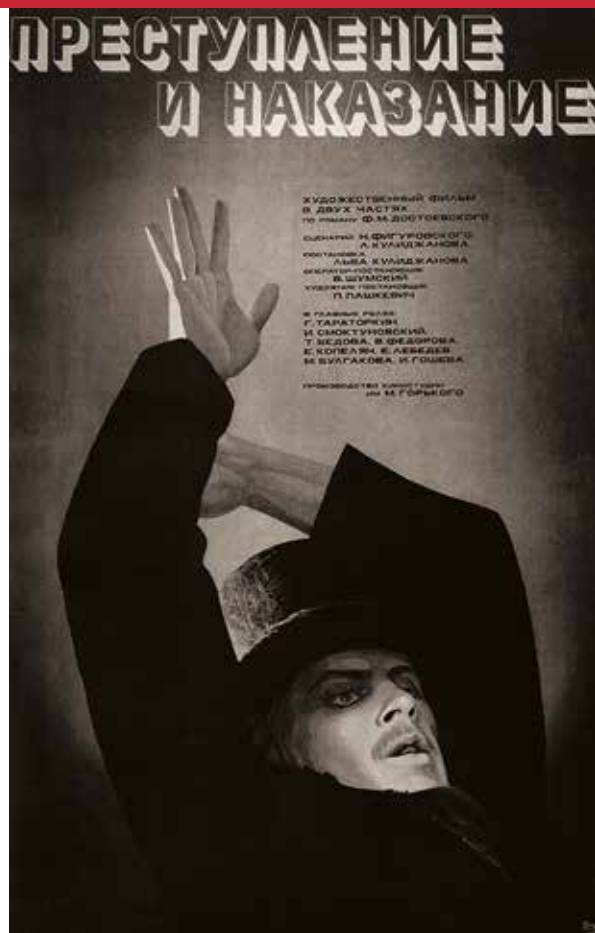
Ilustração de Fritz Eichenberg para o livro Crime e Castigo (1938)



Kondrat Yakovlev como Porfiry Petrovich e Pavel Orlov como Raskolnikov. *Crime e Castigo*, 1899. Teatro da Sociedade Literária e de Arte. São Petersburgo



Encenação de *Crime e Castigo*, em 2010. Jimmy King como Raskolnikov e Amy Landon como Sonia. Foto de Jerry Naunheim Jr.



Cartaz e cena do filme *Crime e Castigo* (1969), dirigido por Lev Kulidzhanov, com o ator Georgi Taratorkin no papel de Rodion Raskolnikov





Le notti bianche, dirigido por Luchino Visconti, em 1957.

As noites brancas

Por Vera Lúcia de Oliveira, "Dostoiévski, sem moderação"

A encantadora expressão "noites brancas" no poema "Confidência do Itabirano", de Drummond, tem grande poder de sugestão. Noites vazias, de solidão, de desalento, de melancolia. São noites brancas "sem mulheres e sem horizontes": sem amor, sem ilusão, sem futuro, sem nada... Noites brancas, noites negras. Noite na pequena cidade do interior de Minas Gerais; noite na alma do poeta.

Essa expressão nos remete à também encantadora novela de Dostoiévski, *Noites brancas* (1848), de sua primeira fase de escritor da vida russa. Nessa história cujos acontecimentos duram quatro noites - brancas porque invadidas pelo sol de primavera, temos, na primeira, o encontro de um homem e uma jovem de dezessete anos, Nástienhka. Esse homem é "só, completamente só, sempre só" um "tipo", uma espécie de "misanthropo sonhador", como se definiu, sem amigos, sem o amor das mulheres. Anda pelas ruas de São Petersburgo, olha as casas abandonadas pelos moradores em veraneio e fala com elas. É quando vê uma jovem que passa apressada e triste pela calçada do cais do Fontanka. Esse nosso narrador parece um tanto magoado por não pertencer a nenhum grupo social, por não ter amigos, por nada partilhar em sociedade. Assim, esse homem sem nome, o que acentua o seu anonimato, trava conhecimento com a jovem Nástienhka, a quem "salva" de um sujeito que queria importuná-la. Enche-se de alegria. Marcam novo encontro para a noite seguinte.

Na segunda noite, a mais longa, faz confidências a ela, e num solilóquio apaixonado, diz quem ele é: um sonhador. Numa torrente de palavras diz que é rico da própria vida interior, da vida íntima. Mas percebemos que sua alma é triste. Sua riqueza é a da força da imaginação, dos sonhos impossíveis e do devaneio:

"A força da sua imaginação voltou a reanimar-se e, como por encanto, eis que surge em seu redor um novo mundo, uma nova vida encantadora. Um sonho... uma nova felicidade. Novo, requintado e doce veneno... Oh, que lhe interessa a ele esta vida real!"

Esse, o nosso sonhador. Sobre a vida real, diz ele: "uma mísera vida que não merece compaixão". É nessa realidade incorpórea dos sonhos que há para ele "qualquer coisa de vivo e de palpável." Sonha com os heróis dos romances, das batalhas, da pátria. Reconhece, no entanto, que tem perdido os melhores dias da vida, como observou a nova amiga. Reconhece ainda que os sonhos precisam ser substituídos... Pois murcharão e morrerão "como folhas amarelas que tombam das árvores, também eles cairão de ti...", endossando Freud que disse que nunca renunciamos a nada, apenas trocamos uma coisa por outra.





RANK FILM DISTRIBUTORS OF ITALY presenta

MARIA SCHELL
MARCELLO MASTROIANNI
con **JEAN MARAIS** in

NOTTE BIANCHE

**UN FILM DI
LUCHINO VISCONTI**

Sceneggiatura di SUSO CECCHI D'AMICO

Dal racconto di FIODOR DOSTOIEVSKI

con

CLARA CALAMAI



**UN FILM C.I.A.S. PRODOTTO DA FRANCO CRISTALDI
PER LA VIDES**



Le notti bianche (1957), com Marcello Mastroianni e Maria Schell.

Agradecida pela confiança do novo amigo, emocionada, agora é Nástienhka que vai contar sua história. Tem dezessete anos, vive com a avó cega e é órfã desde criança. Enamorou-se de um homem “nem velho nem novo”, ex-inquilino de sua avó, e aguarda o dia em que serão felizes. Viveram uma amizade, um amor iniciado pelos livros, entregues sorrateiramente na escada que os separava (e unia), alfinete que prendeu a alma de ambos, pobres, de sentimentos delicados. E liam tudo: Puchkin, Hoffmann, Walter Scott, que encantou toda uma geração russa nos anos 1840; e amavam a música de Rossini. Assim, grudada à avó para não fugir ao seu controle, dia e noite há dois anos, tecendo meias e cosendo, numa espera de

Penélope, aguarda o seu amor que não vem; dele não tem notícias há um ano, desde que partiu para tentar a sorte em Moscou. Sem notícias, espera-o, no entanto, nesse caos, onde prometeram reencontrar-se agora. Sofreu e sofre nessa espera.

Com jeito de fábula, traço presente em algumas obras de Dostoiévski, a história ganha tensão dramática quando Nástienhka conta ao recém-chegado a história de seu amor e percebe que é amada por este, o novo amigo. Temos assim um triângulo amoroso em que um dos ângulos é pura falta, assumindo a fantasia do Príncipe Encantado, com toda a força que têm os ausentes e intensificada pelo poder da imaginação.

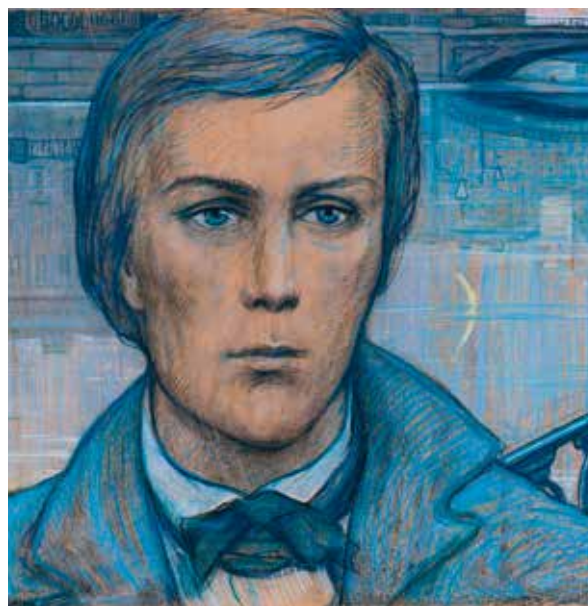
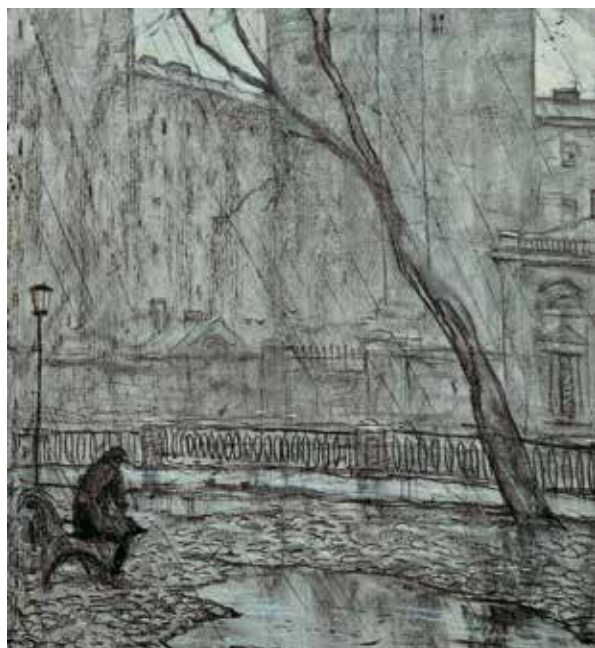
Noites brancas tem enredo simples, mas, como tudo que saiu da pena de Dostoiévski, essa pequena novela tem algo inusitado, surpreendente, que encanta o leitor. No caso, a graça fica por conta de um simples alfinete. E ainda os livros. Um alfinete unindo duas gerações, e livros unindo dois corações. O alfinete une a jovem Nástienhka à avó que, “quando era mais nova o sol brilhava mais e aquecia melhor, e a neta não azedava tão depressa... Tudo era melhor no seu tempo...”, diz a neta; e o alfinete une também dois tempos, o da antiga riqueza da avó, ao qual talvez queira prender a neta pelo vínculo da tradição, representado pelas saias. Dessa forma, velha e cega que, para não perder a neta “de vista”, agarrou-a às suas saias, ao pé da letra, com um alfinete. Temos aqui um traço do humor de Dostoiévski. Assim, ao lado de *O duplo*, essa novela é considerada uma das pérolas da fase de juventude do autor, pois, além do humor, vai também abordar a vida obscura daqueles que vivem uma vida muito diferente:

“Dir-se-ia que neles nunca bate o sol que brilha para todos os petersburgueses, mas sim outro sol, que foi criado só para eles, e que, dir-se-ia que brilha ali também de uma maneira diferente, com um fulgor que não existe em parte algum deste mundo.”

Essa vida diferente é para o novo amigo a vida dos sonhadores, mistura de algo fantástico e de um ideal fervoroso, preso, no entanto, a uma rotina obscura e vulgar

até o desespero. Nessa reflexão profunda, vemos a gênese de futuras personagens dostoiévskianas, como o homem do subsolo, imortalizado em *Memórias do subterrâneo*. São personagens que vivem e sofrem a exclusão social; são personagens da Rússia czarista tornados invisíveis por sua insignificância, seu retraimento, sua origem não nobre, sua falta de laços com o poder. Retraimento acentuado no caso do nosso sonhador, que vive em sua concha, fora do mundo. Ele ama esse mundo de sonhos e nele se esconde como um caracol e – até – um criminoso. É também extravagante e risível para quem dele se aproxima. E, numa torrente de palavras, diz a Nástienhka que é rico da própria vida, da vida íntima.

Na terceira noite, encontram-se e aguardam o amor de Nástienhka, que não chega, o que a deixa decepcionada, e ao sonhador, desesperançoso de obter o seu coração, pois a ama desde o primeiro instante em que a viu com lágrimas nos olhos. Amor oculto na concha do seu coração. Vivem agora da espera: ela, a da chegada do homem de longe; ele, do amor dela tão próximo. Num rompante, porém, declara-lhe o amor puro, desinteressado, e promete ajudar a encontrá-lo. Como Cupido, foi ferido por sua própria flecha. Vemos aqui o jogo feminino da sedução oculto sob o disfarce da ingenuidade da mulher, o que tira algo do romantismo da personagem, antecipando as personagens do Realismo, estilo literário que viria desbancar o Romantismo.



Ilustrações de I. Glazunov para *Noites Brancas* (1970).

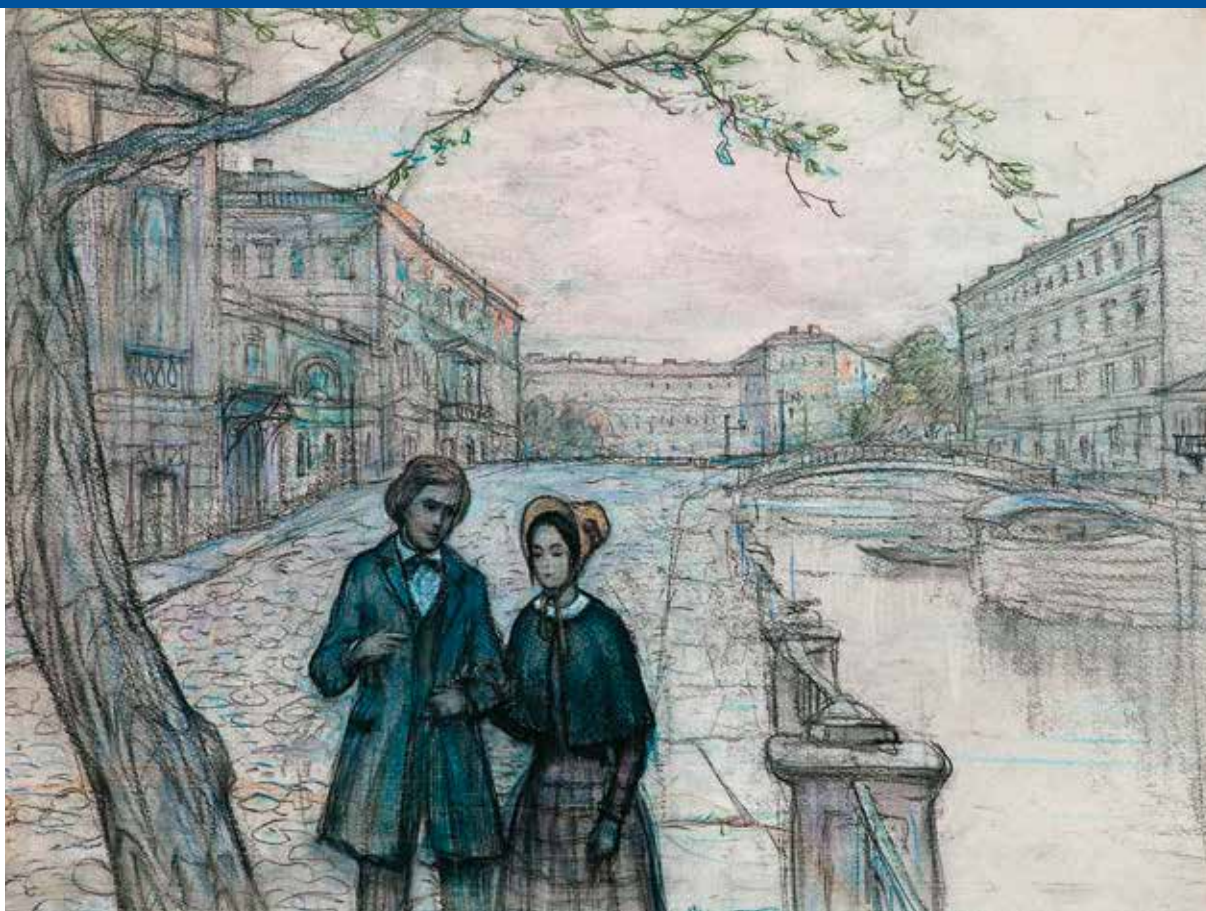


Ilustração de I. Glazunov para *Noites Brancas* (1970).

Na quarta noite, decisiva para o destino das personagens, veremos que a felicidade é tão somente um pequeno raio de sol fugaz entre as nuvens. O sol é a metáfora que perpassa o texto: o sol das noites brancas, do clarão de felicidade do sonhador, do calor em seu coração solitário.

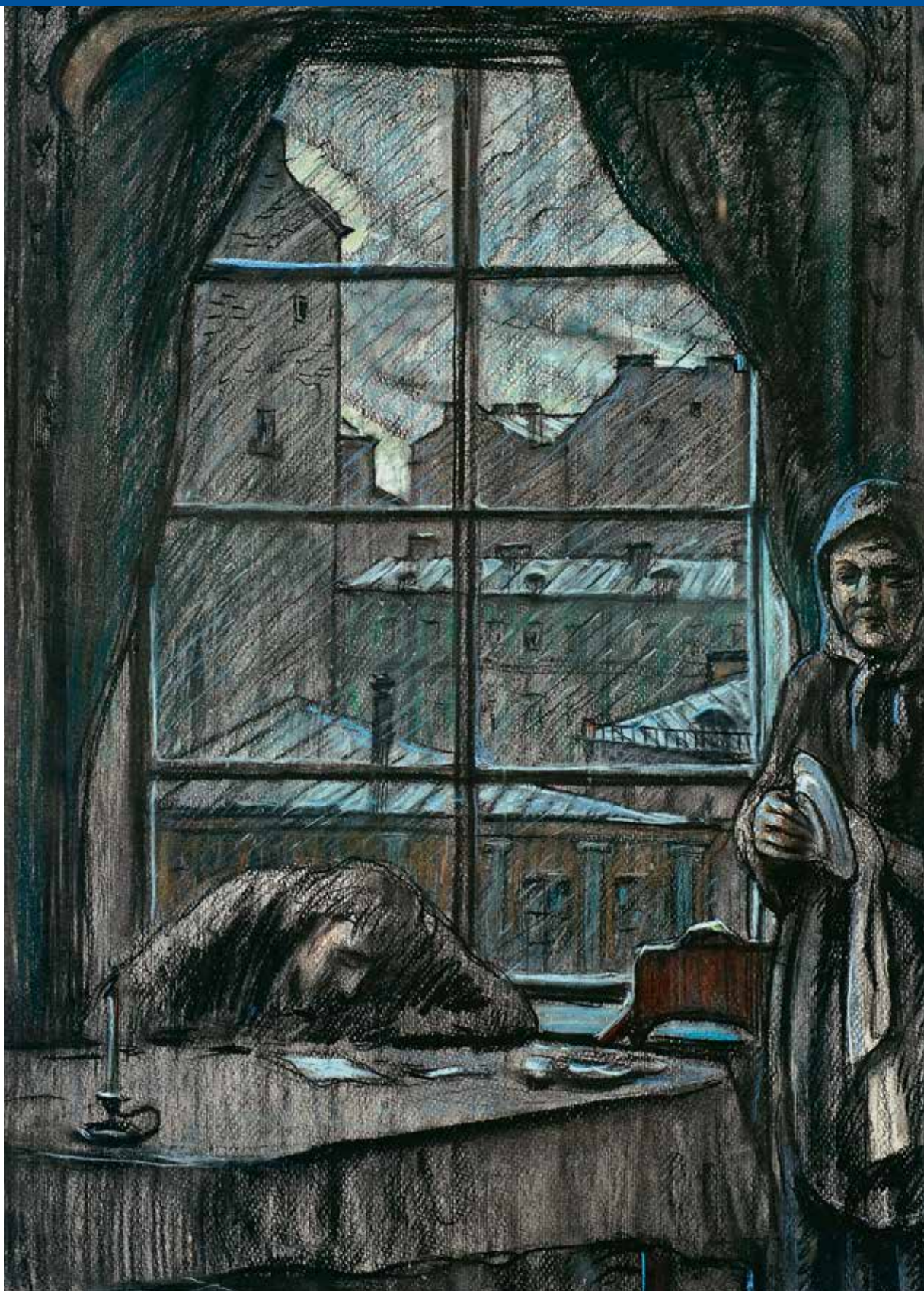
Não poderíamos encerrar sem antes mencionar o belíssimo filme de Luchino Visconti, *Le notti bianche*, de 1957, adaptado ao cenário da Livorno enevoad, na Itália, que, se mantém a beleza do encontro de duas almas solitárias, acrescenta personagens que quebram essa magia, interessado talvez o diretor em mostrar uma nação ainda marcada pela brutalidade do fascismo de Mussolini, da década anterior, visível nas ruínas da cidade (lembrando aqui que a avó de Nástienhka também estava arruinada materialmente e pela perda da visão), com a presença dos pobres dormindo ao relento nas calçadas, tudo em magnífica fotografia em preto e branco. Visconti mantém a beleza da história, mas quebra o seu silêncio acrescentando cena de briga, e vozes, alegria por vezes esfuziante, e demais personagens rompendo com o romantismo do

século 19, tornando-a inconfundivelmente uma história italiana, com a música de Nino Rota, que, em contraste às vozes dissonantes, acrescenta leveza e doçura, recuperando a poesia de Dostoiévski.

Nesse filme maravilhoso, uma surpresa aguarda o espectador brasileiro: a melancólica canção “Mulher rendeira”, atribuída a Lampião, que a teria composto em homenagem à avó rendeira, (lembrando que a avó de Nástienhka, cega, tecia meias), cantada em português, numa cantina onde se dançava, seguida por um esfuziante *rock n’ roll* norte-americano, dando vitalidade à cena e à vida do sonhador (Mastroianni), em cena inesquecível. Assim, a música tem o poder de fazer o sonhador entrar em contato com a vida real e faz o espectador voltar o seu olhar para o Novo Mundo.

Dessa maneira, em *Noites brancas*, o amor de Dostoiévski pela literatura, numa metalinguagem em que a literatura fala de si própria, imortaliza-se duplamente nos livros lidos e citados, assim como o amor de Visconti pela literatura de Dostoiévski é imortalizado em *Le notti bianche*.

Sem esquecer as noites brancas do nosso Drummond.



Carta de Nastenka. Ilustração de I. Glazunov para Noites Brancas (1970).



5 livros obrigatórios para conhecer Bulgákov

Por Aleksandra Gúzeva, Russia Beyond

[<https://br.rbth.com/cultura/85364-5-livros-obrigatorios-para-conhecer-bulgakov>]

Em 2021 marca os 130 anos de nascimento do autor de "O Mestre e Margarida". Um dos escritores mais misteriosos e engraçados da Rússia, ele teve uma vida turbulenta e complicada e problemas com a censura e o sistema soviético. Tudo isso se refletiu em suas brilhantes obras.

I. "A Guarda Branca"

Primeiro romance de Bulgákov, este livro retrata a cidade de Kiev, que fazia parte do Império Russo e vivia então o turbilhão da Guerra Civil que ocorreu na Rússia após a Revolução Bolchevique. Em 1918, a cidade ainda não tinha sido tomada pelos bolcheviques e muitos dos militares e nobres tsaristas foram para lá.

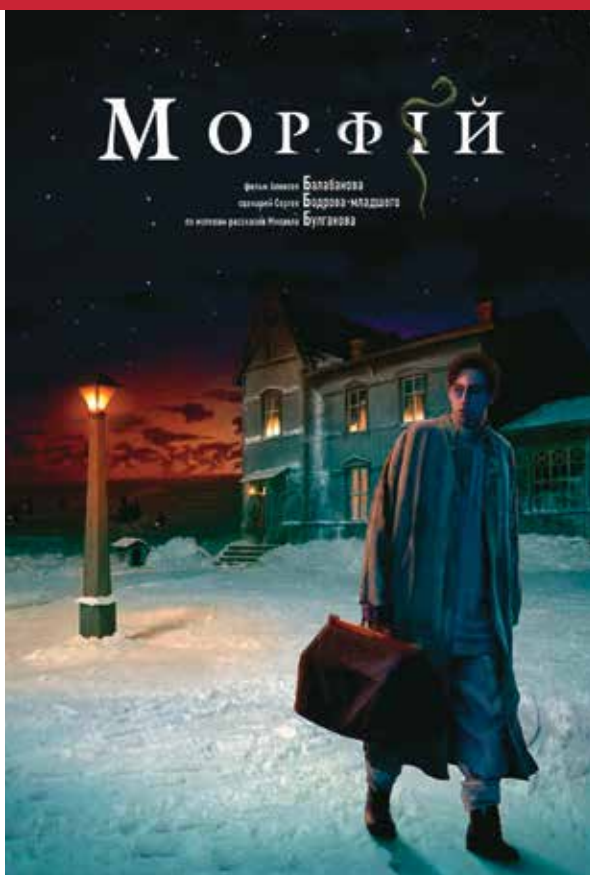
O livro conta a história da família Turbin, que é pega pelos turbulentos eventos políticos. A casa deles é o último abrigo de uma vida anterior, agora arruinada pela guerra. Eles ainda recebem convidados e bebem chá, mas o mundo mudou e as pessoas reagem às novas circunstâncias de maneiras diferentes: alguns se tornam traidores, outros fogem, enquanto alguns poucos preferem morrer lutando.

Este é um romance quase autobiográfico e os membros da família de Bulgákov tornaram-se protótipos de seus personagens, enquanto a casa em que os Turbin vivem é claramente semelhante à casa real de Bulgákov em Kiev.

"A Guarda Branca" foi publicado em 1925 e, no mesmo ano, Bulgákov, escreveu uma peça baseada no romance. "Os Dias dos Turbin" se tornou uma das peças mais encenadas nos teatros russos e russófonos. Apesar de a trama abarcar oficiais antibolcheviques, o próprio Stálin gostou da peça e a assistiu várias vezes no teatro.



Cenas da série *A Guarda Branca*, de 2012, dirigida por Marina Dyashenko, Sergei Dyashenko e Sergey Snezhkin.



Cartaz do filme *Morfina*, uma adaptação de *Anotações de um jovem médico*, dirigido por Aleksey Balabanov (2008)

2. "Anotações de um jovem médico e outras narrativas"

Um jovem médico chega a uma aldeia do interior para iniciar seu trabalho. Ele ainda é muito inexperiente, mas tem que realizar tarefas incrivelmente complicadas: amputações, uma traqueotomia e um parto que exigia virar o bebê no útero. Este livro ganhou ainda mais popularidade depois que foi adaptado para uma série estrelada por Daniel Radcliffe, em 2013.

Na verdade, ele é uma coleção de contos semiautobiográficos, já que Bulgákov trabalhou como médico por muitos anos. Depois de se formar na faculdade de medicina da Universidade de Kiev, ele foi médico militar durante a Primeira Guerra Mundial e, depois, enviado para uma pequena aldeia na região de Smolensk.

O ciclo de "Anotações de um jovem médico" não inclui seu popular conto "Morfina", que é frequentemente relacionado a ele. Nele, um jovem médico encontra os diários de sua companheira, que se tornou viciada em morfina. Outro tema quase autobiográfico da vida de Bulgákov, que também sofreu pelo vício em morfina por um tempo.

Série *A Young Doctor's Notebook*, de 2012, estrelada por Daniel Radcliffe e Jon Hamm que representam Mikhail Bulgákov jovem e mais velho, dirigida por Alex Hardcastle.







Mikhail Bulgákov. Ao lado, estátua de Behemoth (gato preto) e Fagotto (Korovyev) na entrada do Museu Mikhail Bulgakov em Moscou.



3. "Coração de Cachorro"

No alvorecer de um novo país, a União Soviética, um cirurgião genial de Moscou chamado professor Preobrajênski (cujo protótipo teria sido o tio de Bulgákov) faz um experimento científico fora do comum. Ele pega um cachorro vira-lata e transplanta uma parte de um cérebro humano e testículos nele.

Como resultado, o cão assume a forma humana — mas se torna um bêbado e desordeiro, embora se adapte perfeitamente à nova sociedade soviética. Nesta obra, Bulgákov zombava do fato de pessoas com pouca educação das classes baixas pré-revolucionárias de repente se tornavam a classe dominante.

O livro foi escrito em 1925, mas o manuscrito foi confiscado pelos serviços de segurança do Estado. No entanto, o livro circulou entre a intelligentsia soviética por meio de samizdat (cópias feitas à mão ou à máquina) nos anos 1960 e causou um verdadeiro fuzê. "Coração de cachorro" só ganhou uma edição oficial após a Perestroika, em 1987.

A história é incrivelmente popular entre os russos, especialmente graças a sua brilhante adaptação para a TV, e tornou-se "viral": uma porção de citações se tornaram aforismos.



Cenas do filme para a TV, *Coração de Cachorro*, de 1988, dirigido por Vladimir Bortko



Lucy Nuremberg, futura Elena Bulgakova. cerca de 1907.

4. "Um romance teatral"

Um escritor e dramaturgo moscovita leva o leitor a dar uma olhada por trás das cortinas da vida teatral e literária de Moscou na década de 1930. Ele entra em várias instituições sugerindo que suas obras sejam publicadas ou encenadas, mas a censura não aprova nenhuma delas.

Esta é mais uma obra semi-autobiográfica de Bulgákov. Na década de 1920, ele mudou-se para Moscou e, depois de algum tempo, começou a trabalhar como dramaturgo e diretor teatral. Várias de suas peças foram um grande sucesso nos teatros de Moscou, mas, ao mesmo tempo, muitas delas foram proibidas pela censura soviética. Bulgákov sofria com os críticos oficiais acusando-o de antissoviético. Muitas vezes, por não poder ver seu trabalho publicado ou encenado, ele sofria com a falta de dinheiro.

Em "Um Romance Teatral", ele zomba de escritores e diretores excêntricos e de vários funcionários envolvidos no processo teatral. Bulgákov descreve uma versão exagerada das coisas que ele mesmo viveu. Mas, para não sofrer ainda mais, ele escreve que todos os fatos descritos ali são inventados e ficcionais.



Elena e Bulgakova e Mikhail Bulgákov.



Os atores Aleksandr Filippenko e Viktor Pavlov atuando no filme O Mestre e Margarida, que foi produzido em 1994, mas só foi lançado em 2011.

5. "O Mestre e Margarida"

Dois escritores soviéticos caminham pelo centro de Moscou quando encontram um estranho, provavelmente um estrangeiro. Mas este homem inteligente parecia ser o próprio diabo. Depois de sua chegada a Moscou, coisas incrivelmente estranhas e misteriosas começam a acontecer. Ele age como se quisesse ensinar-lhes uma lição de moral e verdade.

O Mestre está escrevendo um romance sobre Jesus de Nazaré e Pôncio Pilatos. Os capítulos de seu romance são intercalados dentro do livro e existem como uma metanovela. Como o trabalho da vida do Mestre está sendo criticado e proibido de ser publicado no novo Estado soviético antirreligioso, ele está ficando louco e

acaba em um hospital psiquiátrico. Para salvá-lo, sua amada Margarita decide assinar um contrato com o diabo...

Este é, sem dúvida, o romance mais famoso de Mikhaíl Bulgákov e o livro mais diabólico da literatura russa. O autor começou a trabalhar nele a partir do final dos anos 1920 até sua morte, em 1940.

Mas ele só foi publicado oficialmente na URSS em 1966 e com edições muito censuradas. Pesquisadores dizem que o romance contém muito de autobiográfico. O mais surpreendente é que a mulher de Bulgákov, Elena, pode ter colaborado com a KGB (o que pode ter sido feito para salvar seu marido da prisão). Ele retratou isso no livro como um contrato com o diabo, mas justificado por uma grande missão: salvar a pessoa amada.

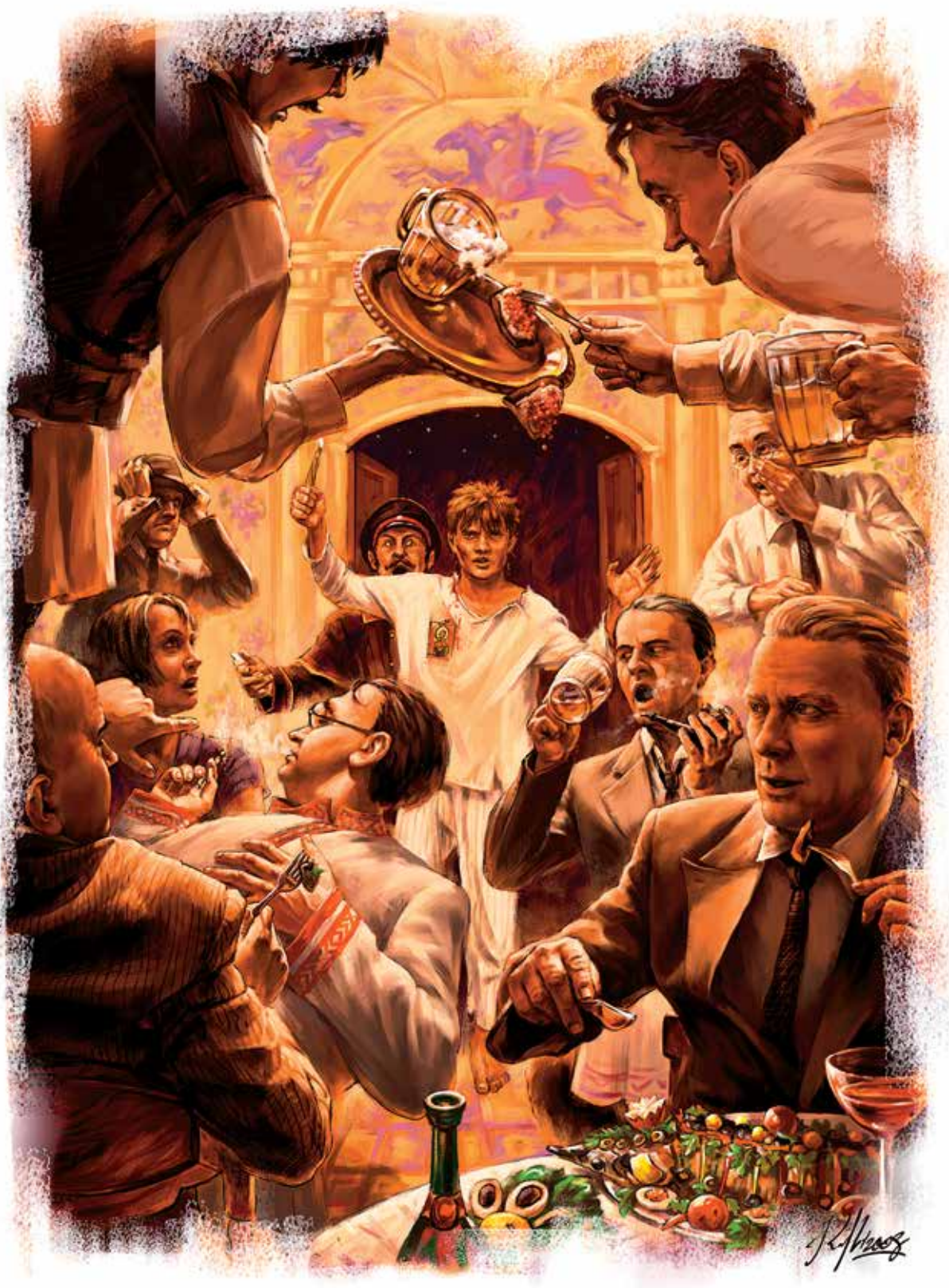


Ilustração de Nikolai Korolev para O Mestre e Margarida.



Ensaio fotográfico de Elena Martyniuk, em colaboração com a Casa Bulgakov, usando O Mestre e Margarida como tema.

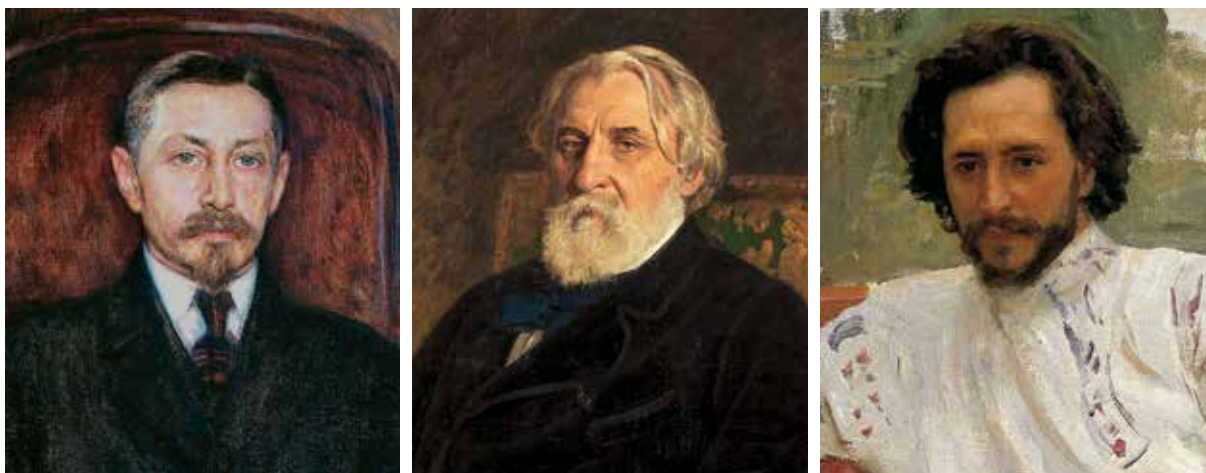
Nikolai Leskov, "o mais russo de todos os escritores russos"

Por Elena Vássina

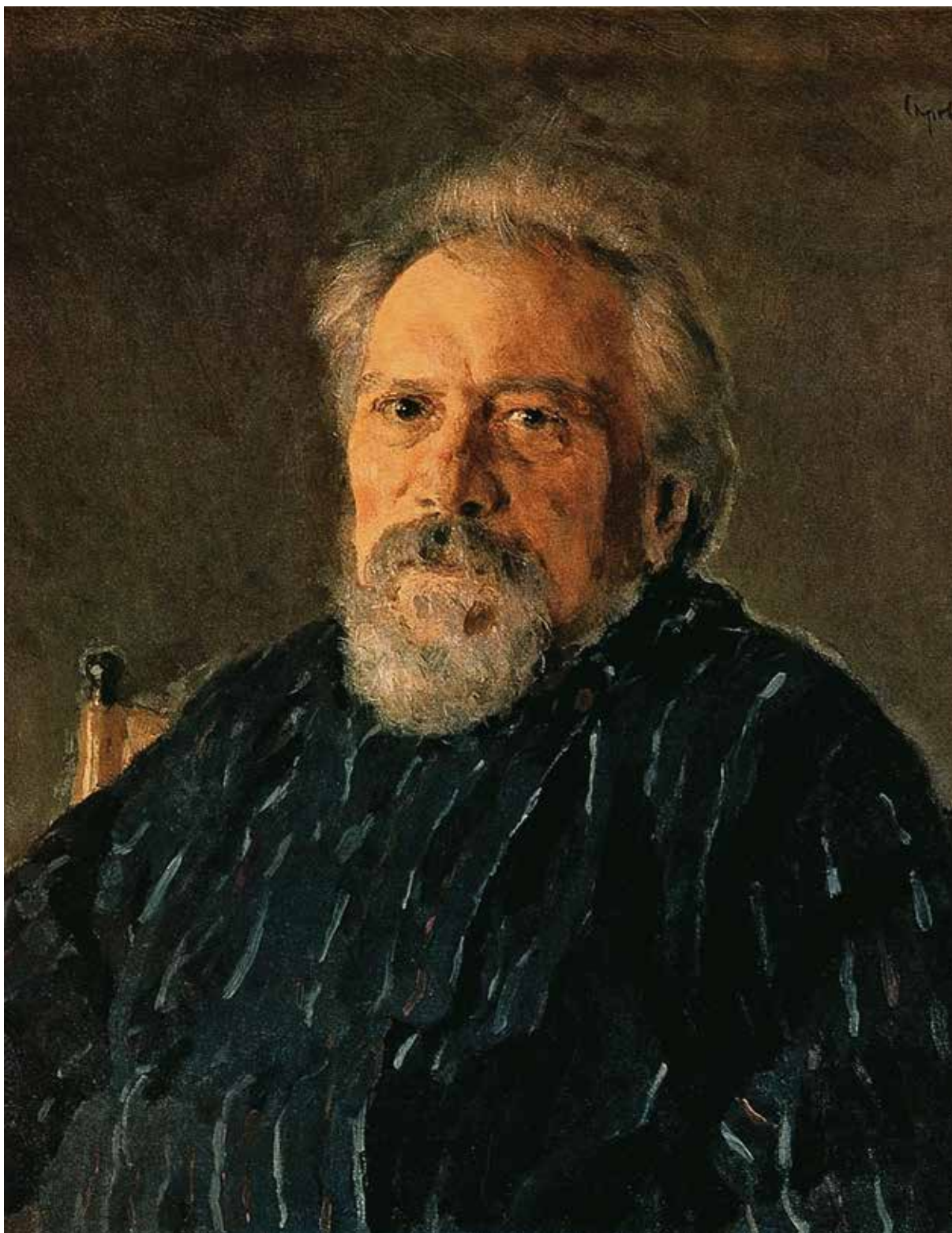
Não há como não concordar como a bem conhecida afirmação do importante historiador e crítico literário Dmítri Sviatopolk-Mírski de que "os russos consideram Leskov o mais russo de todos os escritores russos". Mas talvez seja exatamente por causa dessa "russidade" que Nikolai Leskov (1831-1895) não ficou tão conhecido e lido fora do seu país como outros grandes clássicos russos embora que fosse por seu talento comparável a Dostoiévski.

Nikolai Semiónovitch Leskov nasceu em 16 de fevereiro de 1831 na província de Oriol. É curioso que Oriol, uma pequena cidade perdida no interior da Rússia central ganhou uma fama impressionante no universo da literatura russa, como se sua terra (ou as estrelas em cima da terra?) fosse especialmente propícia para produzir os talentos literários: além de Leskov, foi lá que nasceram também outros grandes escritores russos: Ivan Turguênev, Ivan Búnin e Leonid Andréiev.

Em "Nota autobiográfica" Leskov escreveu que pertencia à nobreza, embora que fosse "a nobreza recente e insignificante". Em 1825, seis anos antes do nascimento do filho Nikolai, Semion Leskov (filho e neto dos sacerdotes, ele recusou a seguir a tradição familiar do serviço eclesiástico) recebeu o título de nobreza pelos "méritos à Pátria", ou seja, por seu trabalho brilhante e honesto como assessor da Câmara Criminal do Tribunal de Oriol. Mas no início de 1839, quando o futuro escritor ainda não completou oito anos, o pai pediu a demissão do tribunal por causa da briga com o governador (parece que Nikolai herdasse de seu pai o azar das brigas que acompanharia toda sua carreira literária) e foi viver com a família em uma pequena propriedade rural onde Nikolai Leskov "gozou da completa liberdade" usufruindo dela para fazer amizades com os filhos de camponeses e conhecer – de perto e em todos os "pequeníssimos detalhes e aspectos" – a vida



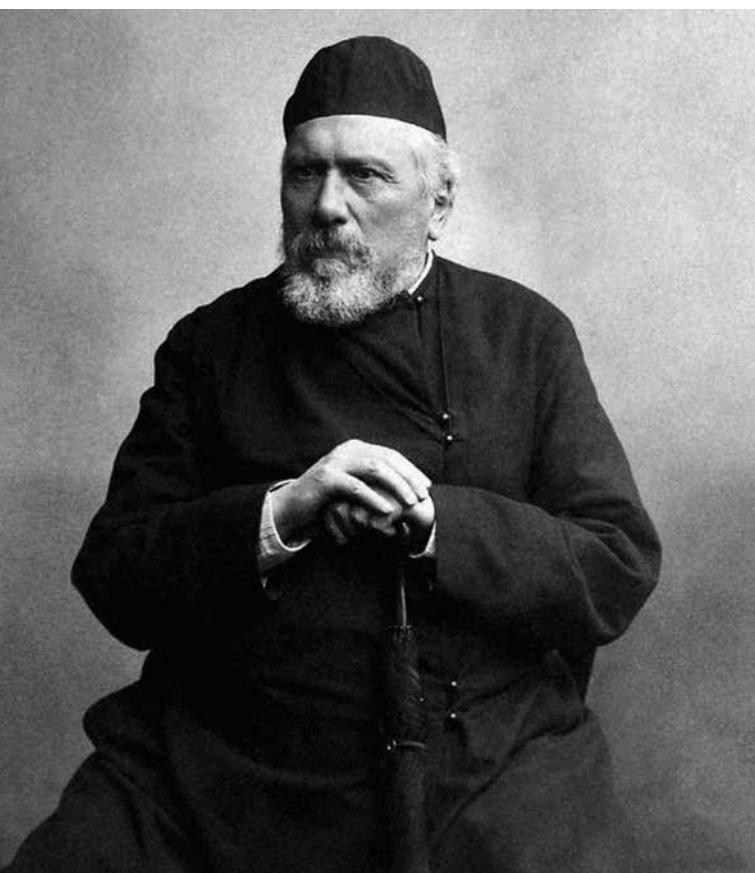
Ivan Búnin (pintura de Evgeny Bukovetsky), Ivan Turguênev e Leonid Andréiev (pinturas de Ilya Repin). Ilustres escritores nascidos na cidade de Oriol, contemporâneos de Nikolai Leskov.



Nikolai Leskov (pintura de V. A. Serov, 1894)



A família de Nikolai Leskov. Sergey Petrovich Alferiev, Maria Petrovna Leskova (à esquerda) com a mãe (no centro) e a irmã



Nikolai Leskov em 1892.

do povo. “A religiosidade bastante feliz, ou seja, aquela que desde cedo estabeleceu paz entre fé e razão” que o escritor segundo suas próprias palavras, “tinha desde a infância” também lhe ajudou bastante a não se sentir forasteiro no meio do povo russo. Além disso, se sabe muito bem como são importantes impressões da infância em formação de talento literário de qualquer escritor e no caso de Leskov não foi diferente. As lembranças deste mergulho na vida campesina definiram uma peculiar proximidade no tratamento dos temas e dos tipos populares na obra de Leskov.

Até oito anos de idade, Nikolai Leskov estudou com os professores particulares na casa de sua tia e foi lá que ele recebeu os conhecimentos básicos de tudo o que deveriam saber os filhos da nobreza russa, inclusive, aprendeu a falar francês perfeitamente. Por isso quando, em 1841, Leskov entrou no ginásio em Oriol, ficou muito entediado por ser obrigado a repetir o que já sabia, então, preferiu dedicar-se por completo às leituras – todos ficavam impressionados como o adolescente Leskov foi lido.

Já quase no final de sua vida o escritor diria a seu filho Andrei: “Parece que estava me preparando para a profissão de literato desde criança. Isso começou com a leitura dos mais variados livros, especialmente os dos romancistas, durante meus estudos no ginásio em Oriol. Nessa cidade eu frequentava a casa de A. N. Zinóvieva, sobrinha do escritor Príncipe Massálski. A senhora Zinóvieva possuía uma rica biblioteca que me proporcionava muito material para a leitura, do qual eu li quase tudo...”

Mas seu “tédio horrível” pelas aulas ginasiais teve um resultado lamentoso: após de ter cursado quatro anos o ginásio, Leskov abandonou os estudos e nem conseguiu obter o atestado do ensino primário, no certificado que recebeu constava somente a conclusão da segunda série... As portas para formação universitária ficaram fechadas para sempre, o que, porém, não impediria a Leskov de ser considerado um dos mais eruditos entre os escritores russos.

Aos dezesseis anos começou a trabalhar como escrivão na Câmara Criminal do Tribunal de Oriol observando e registrando os incríveis casos criminais e uma variedade dos tipos humanos neles envolvidos. Parece como se, desde cedo, o próprio destino quisesse fornecer para o futuro escritor o material cru de própria vida que inspiraria vários enredos e personagens de sua prosa. Mas a carreira no Tribunal não durou muito: a morte súbita do pai durante uma epidemia de cólera em 1848 fez



Em 1974, a mansão de madeira onde Leskov passou sua infância foi transformada na Casa-Museu de Nikolai Leskov. Em exibição estão os manuscritos, fotografias e cartas de Leskov, bem como sua escrivaninha e biblioteca. O museu faz parte do Museu Literário Estadual Ivan Turgenev.

Leskov aceitar o convite de seu tio Serguei Alfériev. Médico famoso e professor titular da Universidade de Kiev, ele prometeu ajudar ao sobrinho em tudo que for possível. No final de 1849 Leskov conseguiu transferência para o serviço público em Kiev e sua vida mudou-se drasticamente. Um jovem nascido e crescido no interior, de repente, se viu no meio da alta sociedade e dos brilhantes intelectuais de Kiev. Lá, graças aos contatos do tio, Leskov fez amizade com os alunos de medicina que o convidaram participar de seminários dos estudos filosóficos-religiosos. Foi em Kiev que Leskov começou a estudar a filosofia medieval árabe, os ensaios de Herzen, as obras de Kant, Hegel e Feuerbach. E ao mesmo tempo ele observava milhares dos peregrinos e velhos crentes que se reuniam nos principais santuários da religião ortodoxa em Kiev: Catedral de Santa Sofia e Mosteiro da Assunção da Nossa Senhora, mais

conhecido como Kiev Petchersk Lavra. Estes antiquíssimos, fundados ainda no século XI, monumentos arquitetônicos despertaram em Leskov interesse pela arte de ícones que ressoaria em vários ensaios e contos, como, por exemplo, em *O anjo selado* (1872).

No entanto, o serviço burocrático começou a aborrecer Leskov. Ele queria ser livre e precisava de novas impressões. Por isso, o convite para trabalhar na companhia comercial inglesa de A. Scott que era marido de sua tia, veio bem a propósito. Em 1857, pede demissão do serviço na Câmara Estatal de Kiev por motivos “de saúde” e começa a trabalhar como agente da Companhia Scott.

O novo trabalho está ligado com viagens constantes pela Rússia, que lhe dão a oportunidade de ver “da caleche ou da chata” o interior da Rússia, acumular “inúmeras impressões e um estoque de conhecimentos



Ilustração de Alexandra Sokolskaya (2011) para *O Anjo Selado*.

sobre a vida". Como diz o próprio escritor, "foi a melhor época de minha vida, quando eu vi muita coisa". Acrescentemos que ele não somente viu, mas também ouviu muita coisa. As viagens de longos dias, as paradas nas hospedarias, sempre com os chás à noite em torno do *samovar*, que predispunham às longas conversas sinceras. Entre os ocasionais companheiros de viagens apareciam narradores formidáveis (como, por exemplo, "personalidade mais notável entre todos os passageiros, um militar reformado" do conto *A fraude* (1883). E foi sorte que a vida patriarcal russa era inseparável da tradição oral do povo, das obrigatórias narrações sobre histórias verdadeiras e irreais, isto é, sobre aquelas extraídas de sua própria experiência e sobre acontecimentos maravilhosos criados pela imaginação popular.

Assim, o ouvido de Leskov assimilava avidamente a fala viva e pitoresca do povo que, transformada no tecido de sua prosa artística, torna-se uma das particularidades características do estilo do escritor e será definida como *skaz* literário. O termo *skaz* literário como uma definição de "forma de narração prosaística que, em seu léxico, sintaxe e na seleção de entonações revelam sua orientação ao

discurso oral, à fala do narrador" surgiu nos trabalhos dos representantes da "escola formal" nos anos 1920. *Skaz* é um discurso original do personagem, em nome do qual conta-se a história. Para o *skaz* leskoviano são características as metáforas pitorescas, a ligação evidente com a tradição folclórica russa, que proporciona a muitas obras do escritor uma organização rítmica musical¹ – próxima à poesia – e, ao mesmo tempo, ajuda a criar caráter psicológico vivo e tenso do o próprio narrador.

Leskov deixou-nos um precioso testemunho sobre as particularidades de criação de sua linguagem literária: "Meus sacerdotes falam na língua eclesiástica, os niilistas na dos niilistas, os mujiques na dos mujiques, os metidos e palhaços falam numa língua esquisita e assim por diante... Essa língua popular, vulgar e requintada, com a qual foram escritas muitas páginas de minhas obras, não foi inventada por mim, mas ouvida dos mujiques, dos semi-intelectuais, paroleiros, alienados e santarrões... Pois eu fiquei recolhendo palavras, ditados, expressões, pegando tudo no ar, no meio da multidão, nas chatas, nos postos de recrutamento e nos mosteiros..."

O curioso é que quase toda a primeira metade de sua vida – até 29 anos de idade – Leskov passou "ouvindo" e "colecionando" e começou a escrever muito tarde em comparação com seus colegas literatos. Somente em 1860, nas páginas dos jornais de Kiev e São Petersburgo apareceram suas primeiras publicações: *Sobre a venda do Evangelho em idioma russo por preços elevados*, *Sobre a classe operária* e *Médicos policiais na Rússia*. Os artigos logo chamaram a atenção, especialmente o último, sobre a corrupção entre os médicos da polícia que determinavam a aptidão para o serviço militar.

O tom crítico e muito convincente desse artigo causou uma verdadeira irritação nas autoridades, o que provocou o primeiro escândalo no destino literário de Leskov. O escritor se viu obrigado a se mudar de Kiev para São Petersburgo, onde o esperava um conflito ainda maior.

No começo de maio de 1862, em diversas partes de Petersburgo surgiam incêndios, provocados, segundo boatos, por grupos revolucionários de estudantes. Em 30 de maio de 1862, no jornal liberal *Sévernaia Ptchela* (*Abelha do norte*) foi publicado o artigo de Leskov "As

¹ Leonid Grossman, ao dedicar um dos capítulos de seu livro "Luta por estilo. Ensaaios sobre crítica e poética" (1927) a Leskov, faz uma análise excelente do ritmo musical na prosa leskoviana.

verdadeiras calamidades da capital". O escritor invocou a polícia inerte a desmentir os boatos sobre a culpabilidade dos estudantes, caso os boatos fossem infundados, ou encontrar e castigar os malfeitores. No entanto, no clima político candente daquele tempo, seus clamores foram mal interpretados. Leskov se viu entre dois fogos. "O artigo incendiário" causou ataques "da direita" e "da esquerda"; da parte das autoridades, pronunciou-se Alexandre II expressando sua desaprovação; a crítica radical praticamente boicotou Leskov. O escritor, como ele mesmo disse, foi "crucificado vivo", tornou-se alvo de troças e zombarias, seus conhecidos deixaram de cumprimentá-lo. Abalado com o ocorrido, Leskov partiu para o exterior ou, como afirmavam seus detratores, "fugiu coberto de vergonha".



Monumentos que homenageiam Leskov na cidade de Oriol. Acima, personagens de suas obras, ao lado, escultura do autor.



*Encenação de A Família Cansada,
crônica familiar da princesa Protozanov
(2006), dirigida por Sergey Zhenovach,
baseada em obra de N. Leskov.
Estúdio de Arte Teatral - Moscou.*







Capas das obras de Leskov publicadas na Rússia. Lugar Nenhum, em três volumes; Fantasma no Castelo da Engenharia; O Wanderer Encantado; e A Besta.

Contudo, as perseguições ideológicas não conseguiram acalmar o gênio polemico de Leskov, ao contrário, em 1864 o escritor publica o romance antiniilista *A lugar nenhum* (Некуда) que provoca um escândalo grandioso nas fileiras dos radicais e ainda por cima que muitos líderes dos círculos niilistas se reconheceram facilmente nas personagens nem um pouco simpáticas criadas pela pena leskoviana... Outro livro mordaz *Em pé de guerra* (На ножах) foi publicado em 1871, no mesmo ano de *Os demônios*, de Fiódor Dostoiévski, e tinha já uma recepção mais tranquila, sendo que essa vez a voz de Leskov não foi a única a clamar no deserto: os dois gênios da literatura russa ficaram unânimes em apontar os perigos e as consequências trágicas do niilismo russo.

Mas a obra de Leskov ultrapassa a crítica do niilismo: na totalidade de sua criação vê-se que era um tema passageiro. O verdadeiro talento de Leskov revelou-se nas narrações curtas, aquelas que refletiam seu amplo – como os estepes que ele percorreu para lá e para cá, profundo e variado conhecimento da vida russa, de todas as diversas camadas de sua população e dos tipos humanos que nunca antes eram enxergadas pela literatura. Não é à toa que Leskov aconselhava aos jovens escritores “fugir longe de São Petersburgo” para conhecer o povo russo. Nos tenso debates com os *naródniki* (assim eram chamados na Rússia os populistas revolucionários), Leskov sentia-se firme declarando: “Eu não estudava o povo pelas conversas com os cocheiros de Petersburgo, mas cresci no meio dele no pasto de Gostómlia²...”, dormi entre os mujiques na relva

orvalhada, guardando os cavalos, coberto com um quente sobretudo de pele de ovelha... Portanto, não convém a mim colocá-los sobre pernas-de-pau, nem debaixo dos meus pés. Eu era um deles e tenho muitos compadres e amigos entre o povo, especialmente em Gostómel, onde vivem os barbudos, a quem outrora, ainda criança, eu rogava de joelhos e com lágrimas para não me fustigar com varas e paus... Recebi muitas reprovações pela falta de sei lá que respeito pelo povo, em outras palavras, pela incapacidade de mentir sobre o povo. Sou indiferente a essas reprovações... Porque tenho certeza que não ofendo nem um pouco o povo russo, quando não escondo as torpezas e nojeiras das quais ele não carece, assim como qualquer outro povo...

Eu nunca entendi e não entendo até hoje os sermões da imprensa de que é preciso estudar o povo. É preciso simplesmente conhecer o povo como a própria vida, não estudando, mas vivendo-a.”

Graças a esta vivência, Leskov virou-se capaz de retratar a Rússia inteira e autêntica, enfocada em detalhes pitorescos e verazes e plena de contradições nunca resolvidas. Como disse Górkí, quando você lê as obras de Leskov, se vê mais claramente o complicado homem russo que, mesmo quando ele acredita sinceramente na beleza e na liberdade, consegue se tornar escravo de sua fé e opressor de seu próximo.

“Leskov é um escritor do futuro”, disse Lev Tolstói um pouco depois de conhecer pessoalmente o escritor em abril de 1887. As palavras de Tolstói eram proféticas: a criatividade tanto inovadora quanto ousada de Leskov que abria para a literatura russa os caminhos até então inéditos, seria devidamente apreciada somente nos anos 1920. Os

2 Rio no Sul da província de Oriol; na margem desse rio o escritor passou a infância.

formalistas russos, fascinados pelos requintes de linguagem leskoviana e sradoxalmente, Maksim Górkí – “o primeiro escritor proletário” – virou-se um dos mais eloquentes propagandistas da obra leskoviana. Em 1923, quando foram publicados três volumes das obras escolhidas de Leskov, Górkí fez questão de escrever um prefácio onde ele afirmava: “Como mestre da palavra, N. S. Leskov é plenamente digno de estar ao lado dos criadores da literatura russa como L. Tolstói, Gógol, Turguêniev e Gontcharov. A força e a beleza do talento de Leskov pouco devem ao talento de qualquer dos criadores da sagrada escritura sobre a terra russa. Quanto à amplitude do abarcamento dos fenômenos da vida, à profundidade da compreensão de seu mistério e o fino conhecimento da língua russa, ele frequentemente supera seus citados antecessores e colegas”.

Górkí não somente admira a poética de Leskov, mas também compartilha sua visão da Rússia e seu amor-ódio ao povo russo, ou seja, exatamente aqueles traços típicos do universo artístico de Leskov que eram tão impetuosamente rejeitados pela crítica radical. A obra literária de Leskov, segundo descrição de Górkí, é “uma pintura viva, ou melhor, pintura de ícones, porque ele começa a criar para a Rússia a iconóstase de seus santos e justos”.

O surpreendente é que Leskov conseguiu reproduzir o amplo panorama da vida russa não em romances, que era o gênero principal na literatura clássica russa do século XIX, mas em crônicas, contos e pequenas novelas que, na obra do escritor, formaram um sistema único de narrativa. E nisso ele teria um brilhante continuador – Anton Tchêkhov que conhecia bem Leskov, era admirador de



ilustração de Yuri Kozlovstev para O conto da foice de Tula Lefty e a pulga de aço.



Cartaz do filme de animação *Lefty* (1924), de Arkady Georgievich Tyurin.



ilustração de Nikolai Kuzmin para *Lefty*.

seu talento e o considerava seu mestre. Para Leskov são característicos experimentos e buscas constantes em formas narrativas “curtas” – ora um conto sobre algum “fato”, um acontecimento real (como *A voz da natureza*), ora uma novela com um enredo tenso e final imprevisível (*Kótin*, *o provedor*, e *Platonida*), isto é, uma cadeia de histórias da vida, de anedotas (*A fraude*). Frequentemente o próprio autor previne o leitor sobre o gênero da história que ele está para ler: “conto fantástico” (*A águia branca*), “fato real numa interpretação mística” (*Alexandrita*) ou “relato sobre o túmulo” (*O artista dos topetes*).

Para Leskov, é importante atrair o interesse do leitor: ele recorre a manobras no enredo, viradas bruscas nos acontecimentos e a procedimentos que freiam a ação, criam suspense e aumentam a curiosidade do leitor no desenvolvimento da intriga que, como regra, tem um desfecho inesperado.

O escritor que domina perfeitamente a arte da composição da narrativa, costuma dividir o conto em pequenos capítulos, destacando certos episódios e prendendo com isso a atenção do leitor à montagem “ocasional” dos acontecimentos do enredo e aos detalhes mínimos, mosaicos que são tão importantes para o estilo literário leskoviano. Ao mesmo tempo, o efeito produzido pela divisão e o destaque de certos fragmentos da narrativa é a veracidade da comunicação oral, cheia de pausas e passagens de um episódio ao outro.

Górki deu uma característica brilhante do estilo de Leskov destacando que este escritor “também é um mago da palavra, mas ele não escrevia esculpindo, ele contava, e nessa arte não tem quem a ele se iguale. Sua narrativa é um canto inspirado, palavras simples, puramente russas, unindo-se uma à outra em linhas requintadas, ora pensativas, ora sonoras como o riso, mas sempre se ouve nelas o amor às pessoas, um amor tenro e velado, quase feminino; o amor puro tem um pouco de vergonha de si mesmo. As pessoas de suas narrativas frequentemente falam de si. E sua linguagem é tão maravilhosamente viva, tão sincera e convincente, que eles se apresentam diante nós tão misteriosamente claros e perceptíveis fisicamente, quanto as personagens de L. Tolstói e outros. Isto é, Leskov atinge o mesmo efeito, mas por outro meio artístico.”

Toda a obra e a vida de Nikolai Leskov provam aquilo que ele quis ensinar aos jovens escritores quando disse: “Quem não ama literatura até poder de lhe sacrificar seu bem-estar, faria melhor se a abandonasse por completo...”

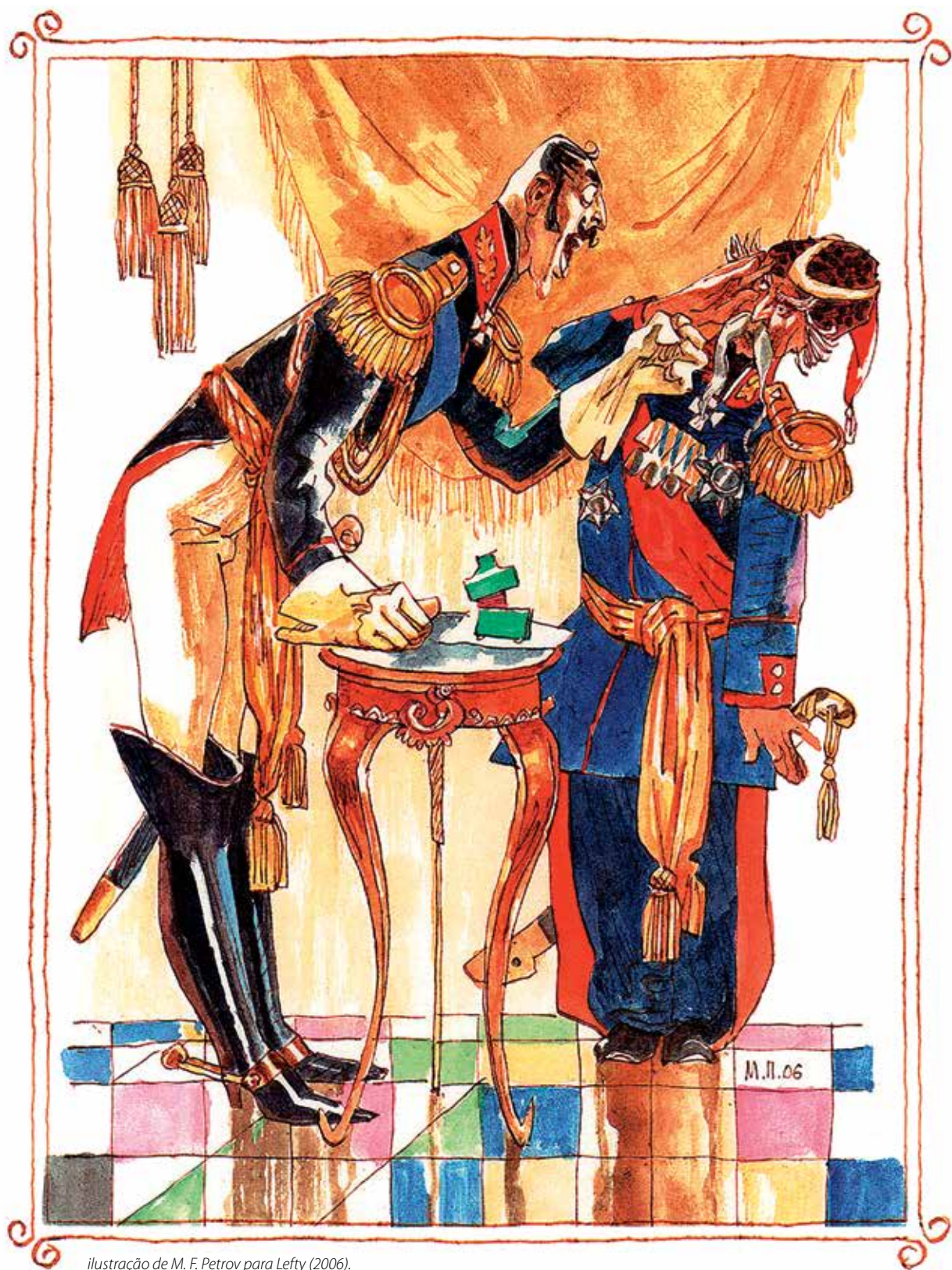


ilustração de M. F. Petrov para Lefty (2006).



Grupo Folclórico Russo Troyka. Foto de Tadeu Vilani.

Campina das Missões

Berço Estadual da Cultura Russa

Campina das Missões, proclamada Berço Estadual da Cultura Russa por Lei 15.649 em 11 de junho de 2021, é um município brasileiro do Rio Grande do Sul a 526 km de Porto Alegre, capital do Estado.

A região, denominada “Campina”, começou a ser colonizada no ano de 1909 por imigrantes russos, em sua maioria, provindos da Sibéria, que deixaram a Rússia em busca de terras para cultivar e em um clima mais ameno. Entre 1909 e 1912, entraram no estado 19.525 imigrantes russos. Atualmente, a cidade tem cerca de 6.000 moradores, destes pelo menos 1.500 descendem diretamente dos russos, formando uma das maiores comunidades russas no Brasil.

Vindos da fria Sibéria, esses imigrantes exultavam com a possibilidade de trabalhar em uma terra que não fica coberta por neve e gelo por seis meses a cada ano. Descendentes dos pioneiros contam que, na Rússia do início do século 20, falava-se do Brasil como uma “terra prometida”, onde havia solo fértil em abundância. Não era mentira. O solo não era coberto por gelo, mas também

tinha um problema: era ocupado por densa vegetação e habitado por cobras, onças, escorpiões, aranhas e outras ameaças. Exercendo o trabalho duro para melhorar as condições de vida de sua família, na hora das imensas dificuldades, era na fé que os imigrantes encontravam forças para vencer os obstáculos. Foi aqui erguida a primeira Igreja Ortodoxa no Brasil em 1912, chamada de Apóstolo São João Evangelista, depois reconstruída em 1955.

Além da igreja a cidade reúne outros pontos simbólicos – cemitério das famílias ortodoxas, com relíquias históricas, monumento a São Vladimir, que batizou a Rússia, na praça dedicada ao santo patrono, esculturas que homenageiam o 100º aniversário da imigração russa no Brasil.

Em Campina das Missões, a língua, o folclore e a religião dos fundadores são preservadas. O Grupo Folclórico Russo Troyka, fundado em julho de 1992 e mantido pela Associação Cultural Russa Volga do Brasil, representa a cultura russa, divulgando os usos, costumes, tradições, exibindo as danças alegres e vibrantes do fascinante folclore russo.

Em 10 de outubro de 2021 ocorreu uma cerimônia solene de inauguração da Capela Ortodoxa Russa em homenagem aos santos russos Cirilo e Metódio na praça russa São Vladimir no centro de Campina das Missões, que contou com a presença dos representantes da Embaixada da Federação da Rússia na República Federativa do Brasil e da Agência Rossotrúdnichestvo (Agência Federal para Assuntos da Comunidade de Estados Independentes, compatriotas residentes no estrangeiro e cooperação humanitária internacional), Prefeito de Campina das Missões Carlos Justen e rainhas da Associação Cultural Russa Volga do Brasil.

O Embaixador da Rússia no Brasil, Alexey Labetskiy, apresentou as suas sinceras felicitações por ocasião da inauguração de santuário ortodoxo no Berço da Cultura Russa – um evento marcante para todo o mundo russo na América Latina e enviou os seus votos de êxitos e felicitações aos descendentes russos radicados em Campina das Missões.

A Capela foi construída com doações de paroquianos da Igreja Ortodoxa local e com a ajuda da Igreja Ortodoxa Russa no Brasil. O projeto arquitetônico no estilo bizantino foi idealizado pelo casal Ilse e Jacinto Zabolotsky (Presidente da Associação Cultural Russa Volga) e elaborado pela engenheira Nadejda Mikhailova com a participação de muitos voluntários e profissionais locais. A Capela possui uma altura de 12,7 metros e tem cúpula dourada, base e cruz, feitos em metal pelo projetista Betto Almeida.



No dia 08 de julho de 2021, o Governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite recebeu no Palácio Piratini a delegação de Campina das Missões formada pelo Prefeito do município Carlos Justen, Secretária de Educação Cultura Desporto e Turismo, Solange Reichert Knebel, representante do Setor de Cultura do Município, Deisi Lenz, Presidente da Associação Cultural Russa Volga do Brasil, Jacinto Zabolotsky, e o Padre da Igreja Ortodoxa Pavel Zhuravlev. Na ocasião Campina das Missões recebeu solenemente o título de Berço Estadual da Cultura Russa



A vista geral da Capela ortodoxa em homenagem a São Cirilo e São Metódio na praça São Vladimir no centro de Campina das Missões



A praça São Vladimir, Campina das Missões

RÚSSIA HOJE

Publicação da Embaixada
da Rússia no Brasil

2021 #12

Capa: Alexander Nevskiy, por
Pavel Korin (1942-1943).
Quarta capa: Dostoiévski, por
Anatoly Shumkin (2015).

**Sob direção
do Embaixador
da Rússia no Brasil**
Alexey Labetskiy

Redação
Svetlana Shlyubul
Ivan Glúkhov

Pesquisa iconográfica
Paulo Roberto Pereira Pinto

Direção de arte
Paulo Roberto Pereira Pinto

Impressão
Athalaia Gráfica e Editora

Colaboração
Sputnik Brasil
Gazeta Russa

 **RÚSSIA**





